



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO

LAIRA DE CASSIA DE SOUZA FERREIRA

**OS USOS DA TELEVISÃO NO COTIDIANO FAMILIAR DOS DISTRITOS
DE OURO PRETO**

MARIANA

2026

Laira de Cassia Souza Ferreira

**OS USOS DA TELEVISÃO NO COTIDIANO FAMILIAR DOS DISTRITOS
DE OURO PRETO**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Ouro Preto, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dra . Mariana Barbosa
Gonçalves

Mariana

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F383u Ferreira, Laira De Cassia De Souza.

Os usos da televisão no cotidiano familiar dos distritos de Ouro Preto.
[manuscrito] / Laira De Cassia De Souza Ferreira. - 2026.
78 f.: il.: color., mapa.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Barbosa Gonçalves Gonçalves.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Famílias - Pesquisa - Ouro Preto (MG). 2. Televisão. 3. Televisão -
Receptores e recepção - Ouro Preto (MG). 4. Vida comunitária - Ouro
Preto (MG). I. Gonçalves, Mariana Barbosa Gonçalves. II. Universidade
Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 316.77(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - CRB6 1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
COLEGIADO DO CURSO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Laira de Cassia Souza Ferreira

Os Usos da Televisão no Cotidiano Familiar dos Distritos de Ouro Preto

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel Jornalista

Aprovada em 29 de julho de 2026

Membros da banca

Dra. Mariana Barbosa Gonçalves (Orientadora) - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Cláudio Rodrigues Coração - Universidade Federal de Ouro Preto
Ma. Maria Luísa Sousa Reis - Universidade Federal de Ouro Preto

Mariana Barbosa Gonçalves, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 07/08/2026



Documento assinado eletronicamente por **Frederico Salomé de Oliveira, COORDENADOR(A) DE CURSO DE JORNALISMO**, em 31/08/2026, às 19:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1179797** e o código CRC **34E782AC**.

Ao meu avô, José de Souza (*in memoriam*).

Esta pesquisa me conduziu a Santo Antônio do Salto, distrito que também guarda parte da sua história. Embora eu não tenha tido a oportunidade de conhecê-lo, este trabalho aproximou-me das nossas raízes. Dedico estas páginas à sua memória e à minha mãe, que cresceu convivendo com sua ausência desde o primeiro ano de vida.

AGRADECIMENTOS

“Assim, a mente jovem e forte de Matilda continuou a crescer, nutrida pelas vozes de todos aqueles autores que enviaram seus livros ao mundo como navios no mar. Esses livros transmitiram a Matilda uma mensagem esperançosa e reconfortante: “Você não está sozinha.”

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me permitido alçar este voo que, por vezes, eu mesma descreditei que poderia alcançar. Tudo de bom que há nesta caminhada, tenham certeza, é por Ele.

Os primeiros livros que li foram dados por minha mãe. Até hoje, ela faz questão de apoiar generosamente grande parte das leituras que realizo. Antes mesmo de eu sonhar em ser jornalista, ela já acreditava orgulhosamente em mim e nos meus estudos.

Ao meu pai e à minha mãe, que nunca deixaram faltar apoio para que eu pudesse sonhar. O trabalho, dedicação e confiança de vocês sustentaram este caminho. Com vocês, aprendi que a força do trabalho é recompensada e que é por meio dele que a vida pode ser transformada para melhor. Se pude cursar a universidade com tranquilidade, foi graças aos dois. Não há, neste mundo, qualquer pessoa que tenha tido mais garra e esperança na conclusão deste curso do que vocês. Esta trajetória é, sobretudo, uma vitória nossa.

Ao meu irmão, Vinicio, que foi meu primeiro exemplo de que a educação é o caminho; que mantém vivas minhas esperanças em um mundo justo e igualitário quando tudo parece distópico demais. Obrigada por me encher de fé nesta divina comédia humana.

Ao meu companheiro de jornada, Cristian, que me apoiou e incentivou durante os quatro anos de faculdade. Obrigada por colorir os dias de azul e me provar que, de fato, "melhor é serem dois do que um, porque, se um cair, o outro levanta o seu companheiro" (Eclesiastes 4:9-10).

A todos aqueles que fizeram parte dessa história, tornando a rotina mais leve, em especial à Bianca Gonçalves, ao João Pedro Nepomuceno e à Vitória Balduino, que compartilharam as formas mais intensas de viver Mariana. Tenho certeza de que, além de grandes amigos, serão grandes profissionais, e tenham certeza de que foi um orgulho imenso acompanhar o início da jornada de vocês.

Este trabalho jamais se tornaria possível se não houvesse quem acreditasse nele e o compreendesse na mesma esfera que eu. Por isso, agradeço à minha orientadora, Prof. Dra. Mariana Gonçalves, que, desde o início, compreendeu os diversos significados que esta pesquisa tinha para mim e abraçou a tarefa de torná-la possível.

Durante os meses de elaboração deste trabalho, desde a sua concepção, a parte mais importante dele não estava sob meu controle. A vida me levou a pessoas incríveis, que abriram as portas de suas casas e abraçaram esta ideia junto comigo, em especial ao Marcelo,

à Margarete e ao Vicente, a quem vocês conhecerão no decorrer desta pesquisa. Acredito que o jornalismo é feito de gente, para gente, e, por isso, agradeço a cada um de vocês.

À Verbalize, que foi, em Mariana, minha casa e o espaço que me permitiu viver experiências incríveis ao lado de pessoas igualmente incríveis.

Agradeço também à classe trabalhadora brasileira, que, com seu esforço diário, torna possível a existência e a permanência da universidade pública. Este trabalho não seria possível sem o investimento coletivo de um povo que acredita na educação como direito e como caminho. Meu sincero agradecimento ao povo brasileiro, que financia e sustenta a universidade pública, permitindo que histórias como a minha sejam possíveis. Que esta pesquisa seja, ainda que modestamente, uma forma de devolver à sociedade parte daquilo que ela investiu em mim.

E à pequena Laura, por ter se nutrido pelas vozes de todos aqueles autores que enviaram seus livros ao mundo como navios no mar e, através deles, conhecido as diversas possibilidades de ser quem gostaria de ser. Agora, nós estamos prontas para viver novamente as coisas novas, sob a certeza de que elas também são boas.

*“Se você não tivesse capacidade, Deus não te
daria a oportunidade. Seus medos você já
conhece, experimente suas coragens.”*

Santa Teresinha do Menino Jesus

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar como a televisão se integra às práticas cotidianas de famílias dos distritos de Cachoeira do Campo e Santo Antônio do Salto, em Ouro Preto (MG), além dos distritos previamente selecionados, a discussão de território quando posta no campo, levou os estudos até o distrito de Santa Rita também. Para isso, a pesquisa baseia-se nos estudos culturais e nos estudos de recepção, buscando compreender de que maneira o meio televisivo permanece presente na dinâmica familiar e nas interações sociais diante da crescente popularização dos dispositivos móveis. A partir de pesquisa de campo realizada nos dois distritos, os resultados indicam que o uso da televisão não está relacionado apenas à disponibilidade do aparelho nos lares, mas é atravessado por dimensões socioafetivas, culturais identitárias e tradicionais. O estudo demonstra que a televisão continua desempenhando um papel relevante na constituição de repertórios culturais, na promoção de momentos de sociabilidade entre os membros da família e no fortalecimento da identificação dos sujeitos com seus territórios, evidenciando sua permanência como importante mediadora das experiências cotidianas.

Palavras-chave: Televisão; Cotidiano; Família; Recepção; Distritos.

ABSTRACT

This study aims to analyze how television integrates into the daily practices of families in the districts of Cachoeira do Campo and Santo Antônio do Salto, in Ouro Preto (Minas Gerais); furthermore, the discussion regarding territory—when applied to a rural context—extended the scope of the study to include the district of Santa Rita as well. To this end, the research draws upon cultural studies and reception studies, seeking to understand how television remains present in family dynamics and social interactions amidst the growing popularity of mobile devices. Based on fieldwork conducted in these districts, the results indicate that television usage is not merely a matter of device availability in the home but is shaped by socio-affective, cultural, identity-related, and traditional dimensions. The study demonstrates that television continues to play a significant role in shaping cultural repertoires, fostering moments of sociability among family members, and strengthening individuals' identification with their territories, thereby highlighting its enduring status as a key mediator of everyday experiences.

Keywords: Television; Everyday life; Family; Reception; Districts.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Resultado de pesquisa CAPES 1	12
FIGURA 2 - Resultado de pesquisa CAPES 2	12
FIGURA 3 - Resultado de pesquisa CAPES 3	13
FIGURA 4 - Mapa político de Ouro Preto	16
FIGURA 5 - Mapa de localidades rurais de Ouro Preto	21
FIGURA 6 - Dados Cachoeira do Campo	22
FIGURA 7- Hotel Vila Galé Collection	24
FIGURA 8 - Dados de Santo Antônio do Salto	25
FIGURA 9 - Igreja de Santo Antônio no distrito	27
FIGURA 10 - Pedra de Santo Antônio	28
FIGURA 11 - Modelo de videotape desenvolvido por Ampex	34
FIGURA 12- Configuração do terreno da casa de Marcelo	46
FIGURA 13 - Televisão da casa dos pais de Margarete	51
FIGURA 14 - Televisão localizada no quarto do casal	54
FIGURA 15 - Televisão localizada na sala da casa de Marcelo	55
FIGURA 16- Canal hidrográfico do distrito de Santo Antônio do Salto	61
FIGURA 17 - Cânion Passarela do Funil	62

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O CONCEITO DE DISTRITO E A ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL	16
2.1 Caracterização dos distritos selecionados	21
2.1.1 Cachoeira do Campo	22
2.1.2 Santo Antônio do Salto	25
2.2 Motivação pessoal e vínculo territorial	29
3. TERRITORIALIDADES MUDIÁTICAS E USOS DA TELEVISÃO	31
3.1 Televisão, cultura e práticas de recepção	31
3.2 O que é o meio: A televisão e seu diferencial	33
3.3 A TV como operador cultural	36
3.4 Os estudos de recepção e metodologia da pesquisa	38
4. O USO DA TELEVISÃO: OBSERVAÇÕES A PARTIR DAS VISITAS AOS DISTRITOS	42
4.1 A casa, o território e a televisão	42
4.2 A televisão como organizadora da temporalidade das residências	48
4.3 A televisão como espaço de encontro e convivência familiar	50
4.5 A recepção de forma ativa: Interpretações e críticas da programação e do meio	58
4.6 Santo Antônio do Salto: memória, usina e mediações da televisão	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE A - Questionário sobre o uso da televisão aplicado durante entrevistas	72
APÊNDICE B - Termo de consentimento dos integrantes da pesquisa	74

1. INTRODUÇÃO

O que permanece no século XXI onde as possibilidades de entretenimento são escassas e, em um contexto de crescente digitalização, o acesso à internet é limitado? Em territórios nos quais as opções de lazer e socialização são restritas, de que forma as comunidades mantêm seus repertórios socioculturais, seus vínculos de pertencimento e as memórias que sustentam suas identidades coletivas?

Diante desse cenário, esta pesquisa busca compreender como a televisão é percebida e consumida por comunidades localizadas em diferentes contextos, moldando o repertório cultural e as formas de socialização nos distritos. Interessa investigar de que maneira o dispositivo televisivo se insere no cotidiano desses grupos, articulando práticas de entretenimento, socialização e construção de sentidos.

Além disso, o estudo propõe analisar se há diferenças geracionais e transformações ao longo do tempo na forma como o público interage com a televisão, considerando mudanças nos hábitos culturais, nas rotinas familiares e nas formas de acesso às mídias.

Para isso, esta pesquisa propõe o acompanhamento de rotinas, hábitos de consumo e formas de socialização de diferentes públicos em espaços que, embora sejam frequentemente agrupados sob a categoria de “distritos”, apresentam diferenças significativas entre si. A pesquisa de campo foi desenvolvida acompanhando duas famílias em dois distritos do município de Ouro Preto, localizado na região central do estado de Minas Gerais, no sudeste do Brasil. Buscando compreender como o dispositivo televisivo é recebido e apropriado nesses territórios.

A partir da observação das rotinas de socialização, dos períodos de consumo e das formas de interação com a televisão e com os produtos midiáticos exibidos, foi possível analisar como a mídia televisiva é vivenciada em contextos que dispõem de poucas alternativas de lazer e entretenimento, como bares, parques e restaurantes.

Apesar do avanço das tecnologias digitais e da diversificação das formas de consumo midiático no século XXI, esse processo ocorre de maneira desigual no território brasileiro, como aponta a reportagem *Desconectados: 36 milhões de pessoas não têm acesso à internet no Brasil*¹, publicada em 2023 pelo jornal *Brasil de Fato*. Segundo a matéria, um dos principais fatores que dificultam o acesso da população à internet são os valores dos planos de

¹ BRASIL DE FATO. Desconectados: 36 milhões de pessoas não tem acesso à Internet no Brasil. YouTube, 2023. Disponível em: https://youtu.be/pvww2Adq_Lw?si=gtMAn9dyONAHj3YL. Acesso em: 5 fev. 2026.

conexão, frequentemente incompatíveis com a renda mensal de grande parte dos brasileiros. Segundo dados da Pesquisa de Tecnologia da Informação e Comunicação, utilizados na reportagem, cerca de 42% da população da Região Sudeste não tem acesso à internet, enquanto no Nordeste esse índice é de aproximadamente 28%. Embora os indicadores mais recentes apontem para uma ampliação significativa da conectividade no país, as desigualdades permanecem. De acordo com dados do IBGE (2025), 95% dos domicílios brasileiros possuíam acesso à internet, sendo esse percentual de 95,8% na área urbana e de 88% na área rural. Os números demonstram, portanto, que a expansão da conectividade não ocorre de forma homogênea, uma vez que persistem diferenças relacionadas à localização dos domicílios e às condições socioeconômicas da população.

Esse cenário evidencia que, embora a internet tenha ampliado as possibilidades de acesso à informação e ao entretenimento, sua distribuição desigual faz com que outros meios continuem ocupando um lugar significativo na vida cotidiana de diferentes grupos sociais. Assim, questiona-se em que medida a televisão permanece como uma mediação relevante na construção das experiências informacionais, culturais e de entretenimento em contextos marcados por limitações de acesso às tecnologias digitais.

Nesse sentido, Francisco de Paula Araújo (2020) evidencia a relevância do papel da televisão no campo afetivo e nas práticas de entretenimento. Segundo o autor, as experiências coletivas de consumo televisivo em espaços públicos moldaram grande parte das memórias afetivas do público, além de cumprir um papel relevante de socialização, uma vez que a televisão na praça era um dos pontos de encontro e compartilhamento simbólico da população.

As memórias evocadas pelo autor remetem a uma realidade que, no imaginário de parte da população, parece ter sido superada com a popularização da internet e das redes sociais. Embora a televisão tenha sido amplamente estudada em contextos urbanos e em escala nacional, ainda são escassas as pesquisas que investigam seus usos, significados e formas de apropriação em territórios distritais, considerando as especificidades locais, as rotinas de socialização e as diferenças geracionais. No Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a busca por trabalhos relacionados ao tema resulta em apenas dois registros que dialogam diretamente com a proposta desta pesquisa, como mostrado abaixo (Figuras 1, 2 e 3). Essa lacuna torna-se ainda mais relevante quando se observa a permanência da televisão como um dispositivo cultural ativo em espaços marcados por limitações estruturais e de conectividade, nos quais o acesso a outras formas de entretenimento e informação é restrito.

FIGURA 1 - Resultado de pesquisa CAPES 1



Foto: Print de tela do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes

FIGURA 2 - Resultado de pesquisa CAPES 2

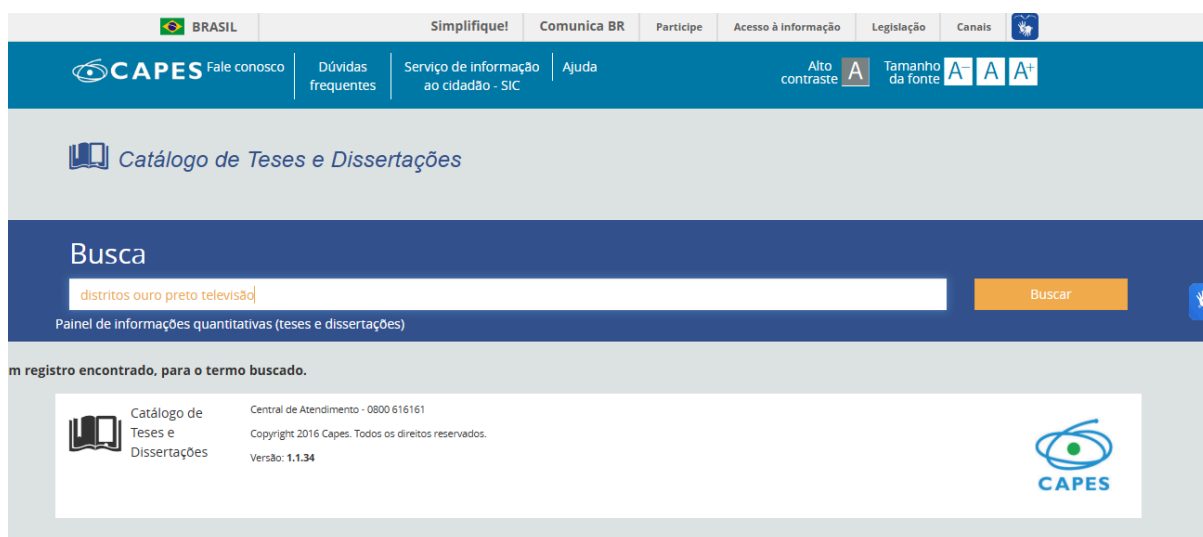


Foto: Print de tela do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes

FIGURA 3 - Resultado de pesquisa CAPES 3

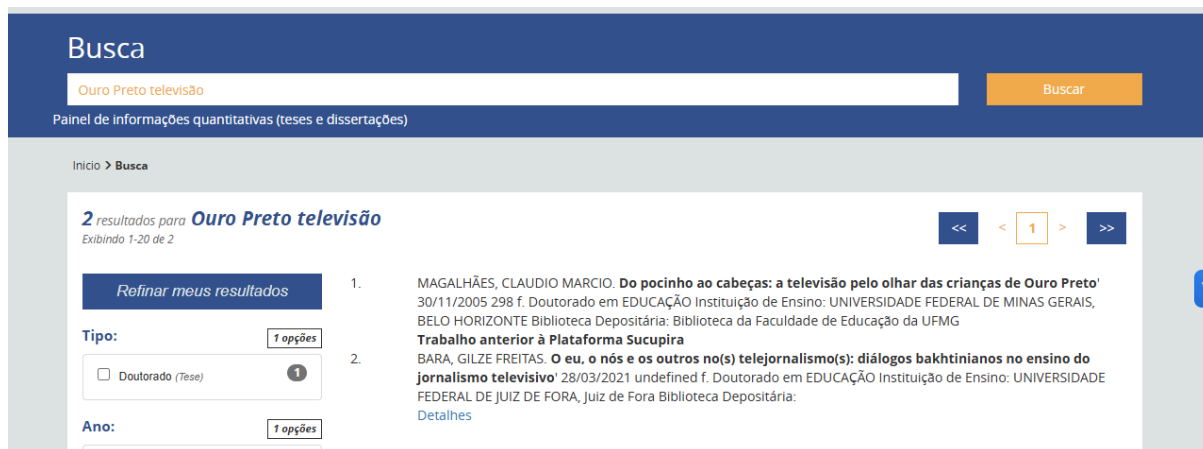


Foto: Print de tela do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes

Diante desse cenário, partimos da seguinte questão: **como a televisão é percebida, consumida e integrada às práticas de entretenimento e socialização nos distritos do município de Ouro Preto, e de que maneira essas interações variam entre diferentes gerações e contextos territoriais?**

A pesquisa se propõe a investigar de que forma a televisão continua exercendo um papel relevante como meio de entretenimento e informação para a população de distritos de Ouro Preto, com uma perspectiva a partir da rotina de socialização de dois distritos do município, a partir da observação de fatores que contribuem para a permanência da televisão como meio de consumo cultural nas regiões descentralizadas de Ouro Preto, como acessibilidade, rotina ou memória afetiva.

A pesquisa busca compreender o papel simbólico e afetivo da televisão em contraposição aos conteúdos digitais sob demanda, identificando os elementos que contribuem para a construção das rotinas de socialização mediadas pela programação televisiva. Pretendendo investigar, ainda, de que maneira a população dos distritos se veem representados nas narrativas e nos produtos audiovisuais, como telenovelas, séries e programas de variedades e como a televisão ocupa diferentes espaços do cotidiano, considerando distintos cenários territoriais e faixas etárias.

Com a ascensão das redes sociais e das plataformas digitais, a percepção comum é a de que a TV perdeu relevância; contudo, essa afirmação ignora as desigualdades de acesso à internet e à tecnologia, que mantém a televisão como principal meio de consumo cultural para muitos brasileiros. A Pesquisa Brasileira de Mídia – Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira, realizada pela Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal

em 2016, já apontava a centralidade da televisão no cotidiano dos brasileiros. Dados mais recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), referentes ao ano de 2024 e divulgados em 2025, reforçam esse cenário ao indicar que cerca de 93% dos domicílios brasileiros possuíam aparelho de televisão, enquanto 88,9% da população com 10 anos ou mais possuía telefone celular para uso pessoal, evidenciando que o acesso à TV ainda supera o de dispositivos móveis em termos de abrangência.

Nesse contexto, a presente pesquisa se justifica pela necessidade de compreender essa permanência e a importância da televisão como um espaço cultural acessível e significativo para a população dos distritos pertencentes à cidade histórica de Ouro Preto, contribuindo para a democratização do entretenimento e da informação.

A exclusão digital ultrapassa a dimensão do simples acesso às tecnologias, uma vez que implica também a limitação do direito à participação plena na sociedade da informação (Silveira, 2001). Nesse contexto, diante das desigualdades relacionadas ao acesso e às condições de uso de dispositivos digitais, como *smartphones*, notebooks e tablets, a televisão permanece como um dos meios de comunicação de maior alcance entre a população brasileira. Segundo dados do IBGE (2025), o aparelho de televisão estava presente em 93,9% dos 80 milhões de domicílios particulares permanentes do país.

Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa pretende ampliar o debate sobre os limites e possibilidades da democratização midiática em um país marcado por profundas desigualdades socioeconômicas e regionais. Além disso, o trabalho pode colaborar para futuras políticas públicas que visem a inclusão digital e cultural de segmentos sociais menos favorecidos, bem como informar estratégias de comunicação mais efetivas e inclusivas por parte dos meios de comunicação.

Uma recente medida adotada pelo Governo brasileiro para reduzir a desigualdade midiática no Brasil foi o plano de implementação de uma plataforma de *streaming* chamada "Tela Brasil", que conta com um acervo de produções audiovisuais brasileiras. A criação de um *streaming* com produções nacionais disponível de forma livre e facilitada para a população evidencia que a disparidade cultural ainda é uma realidade no território nacional.

Por fim, a escolha do tema decorre do interesse pessoal em compreender as relações entre mídia, cultura e desigualdade social, refletindo um compromisso com a valorização das múltiplas formas de acesso à cultura e ao conhecimento no Brasil contemporâneo. Dessa forma, o trabalho busca contribuir não apenas para a formação do pesquisador, mas para o avanço do conhecimento sobre as transformações e permanências no consumo midiático da população brasileira e sobretudo explicar as formas como o consumo de mídia é recebido.

A pesquisa aborda, portanto, as diferentes formas pelas quais a memória afetiva se articula à televisão, bem como os modos pelos quais comunidades localizadas fora dos centros urbanos ainda mantêm o dispositivo como um meio central de comunicação e entretenimento. Embora a interação com a televisão apresente transformações ao longo das gerações, o aparelho permanece, em muitos contextos, como um ponto relevante de socialização e convivência.

Além disso, o estudo analisa os hábitos de consumo midiático de populações que vivem afastadas da sede municipal, mas que, mesmo à margem dos centros urbanos, continuam atravessadas pelas dinâmicas, rotinas e influências culturais da cidade.

2. O CONCEITO DE DISTRITO E A ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL

Como é feita a formação dos distritos de uma cidade histórica? A origem do município de Ouro Preto remonta ao final do século XVII, quando a região, então conhecida como Vila Rica, tornou-se um dos principais centros da mineração aurífera no Brasil Colônia.

A intensa atividade mineradora impulsionou o surgimento de diversos núcleos populacionais dispersos ao redor das áreas de extração aurífera. Ao longo do tempo, muitos desses núcleos se consolidaram e deram origem aos atuais distritos do município, contribuindo para a formação de uma ocupação territorial extensa no município. Como resultado desse processo histórico, Ouro Preto possui atualmente doze distritos em sua configuração administrativa. De acordo com a prefeitura da cidade, são eles: Amarantina, Antônio Pereira, Cachoeira do Campo, Engenheiro Corrêa, Glaura, Lavras Novas, Miguel Burnier, Rodrigo Silva, Santa Rita de Ouro Preto, Santo Antônio do Leite, Santo Antônio do Salto e São Bartolomeu, que podem ser observados na imagem abaixo.

FIGURA 4 - Mapa político de Ouro Preto



Fonte: Reprodução/Site da Prefeitura Municipal de Ouro Preto

Contudo, a formação de Ouro Preto é mais complexa e extensa. A cidade tem origem em Vila Rica, constituída a partir da junção de diversos arraiais, processo que resultou na

consolidação de um importante núcleo urbano que, posteriormente, se tornaria a capital da Capitania de Minas Gerais.

A formação da cidade esteve diretamente ligada à exploração da mão de obra de pessoas escravizadas, elemento central para a manutenção da economia mineradora da época. Essa lógica de ocupação e desenvolvimento, baseada na violência estrutural da escravidão, moldou não apenas a organização do território, mas também as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que ainda hoje influenciam o município. O turismo e o comércio local, frequentemente associados à valorização da arquitetura barroca e do patrimônio histórico, são atravessados por essa herança, ainda que nem sempre explicitada (Gonçalves, Ferreira, Balduino, Alves, 2024)

Ouro Preto é reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade desde 1980, devido à preservação de seu conjunto arquitetônico construído no período colonial. A cidade, além de culturalmente rica, preserva momentos da história brasileira, como a inconfidência mineira. Apesar de ter sido declarada cidade patrimônio pela UNESCO na década de 80, desde os anos de 1930 já era alvo de medidas de preservação, como a promulgação do Decreto nº 25 de 1937².

Além de seu patrimônio histórico, a cidade é reconhecida atualmente como um importante polo universitário em razão da influência da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), criada em 1969. A instituição foi constituída a partir da incorporação da Escola de Farmácia de Ouro Preto, fundada em 1839 pelo Conselheiro Bernardo Jacinto da Veiga, e da Escola de Minas, criada em 1876 por iniciativa do imperador Dom Pedro II, que convidou o cientista francês Claude-Henri Gorceix para implantar no Brasil uma escola de engenharia voltada ao ensino das ciências, da mineração e da metalurgia. (Universidade Federal de Ouro Preto, 2023).

Posteriormente, com a implementação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), a UFOP ampliou sua oferta de cursos e expandiu sua atuação para outros municípios, passando a contar também com campi em Mariana, João Monlevade e Ipatinga. De acordo com informações disponibilizadas pela própria instituição, atualmente a universidade oferece mais de 50 cursos de graduação, consolidando-se como um dos principais atrativos e agentes de dinamização econômica, social e cultural de Ouro Preto.

² Art. 1º Constitue o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

A compreensão de sua configuração urbana e distrital exige o retorno a esse passado colonial, no qual a expansão territorial esteve diretamente vinculada à exploração mineral e à sistemática desumanização de populações escravizadas. Ignorar esse fundamento histórico compromete uma leitura crítica da cidade e de suas formas de organização contemporâneas.

Portanto, a formação dos distritos do município implica reconhecer que esses espaços carregam marcas históricas, culturais e sociais próprias, que influenciam diretamente suas dinâmicas cotidianas. A história da cidade e de seus distritos, em sua maioria, remonta a processos de ocupação fortemente vinculados às tradições religiosas cristãs de matriz católica, elemento que contribui para a compreensão de práticas sociais, rotinas e sistemas de crenças construídos ao longo do tempo.

O geógrafo brasileiro Milton Santos defende que o espaço habitado por uma comunidade ultrapassa a condição de demarcação geográfica, uma vez que participa ativamente da construção das identidades, das relações sociais e das práticas culturais dos sujeitos que o ocupam. Dessa forma, o espaço pode ser compreendido como um recorte do mundo vivo, marcado por experiências, significados e formas de pertencimento. Nesse contexto, ao tratarmos dos distritos, não nos referimos apenas a divisões administrativas, mas a territórios constituídos por dinâmicas próprias de sociabilidade, permeados por costumes, tradições e identidades compartilhadas. Essas características conferem aos distritos uma lógica social e cultural distinta daquela observada na sede municipal à qual estão vinculados. Para Santos, as delimitações territoriais, isoladamente, pouco significam quando não estão ligadas aos usos e relações que lhes atribuem sentido. Assim, o território deve ser compreendido como o espaço efetivamente apropriado e vivido pela população, definido como um “conjunto indissociável de práticas sociais” (Barbosa, 2015). Santos complementa que o território não deve ser entendido apenas como uma delimitação espacial, mas como um espaço socialmente produzido, resultado das relações econômicas, políticas, culturais e simbólicas estabelecidas pelos sujeitos que o ocupam e transformam.

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. (Santos, 2000, p. 47)

O território como um espaço vivo, nos ajuda na compreensão da formação da identidade dos indivíduos, e também na familiaridade da construção de seus repertórios. A partir dessa perspectiva, os distritos analisados são compreendidos como espaços de socialização e construção identitária, nos quais práticas culturais, manifestações religiosas e

experiências coletivas contribuem para a formação de territorialidades próprias. Nesses locais, não é incomum que os indivíduos sejam reconhecidos e se reconheçam a partir de referências ligadas à família, ao bairro ou ao próprio distrito de origem. Esses elementos constituem importantes marcadores identitários e desempenham papel fundamental nos processos de pertencimento e reconhecimento social. Em muitos casos, a identificação dos moradores está mais fortemente associada ao distrito do que à sede municipal. Assim, ao afirmarem que são “de Cachoeira do Campo” ou “de Santo Antônio do Salto”, por exemplo, os indivíduos não apenas informam sua localização geográfica, mas também demonstram um conjunto de experiências, valores, relações sociais e referências culturais que compõem suas identidades. Dessa forma, o distrito ultrapassa sua dimensão administrativa e passa a ser compreendido como um espaço simbólico de pertencimento e construção social.

A história das comunidades, bem como da formação desses distritos, em sua maioria, remonta a processos de ocupação fortemente vinculados às tradições religiosas cristãs de matriz católica, elemento que contribui para a compreensão de práticas sociais, rotinas e sistemas de crenças construídos ao longo do tempo. Portanto, ao considerar a lógica histórica de desumanização das populações escravizadas que estruturou a cidade, torna-se necessário reconhecer a presença, muitas vezes implícita ou marginalizada, de outras expressões religiosas. Manifestações como o congado, de matriz afro-brasileira e amplamente presente na sede e especialmente nos distritos, evidenciam formas de resistência cultural e religiosa que coexistem com a religião católica, ainda que nem sempre sejam incorporadas de maneira central às narrativas oficiais sobre a formação dos distritos.

As festas de Congado em Ouro Preto possuem uma relação histórica com as irmandades destinadas aos negros que, em tempos passados, foram obrigados a frequentar igrejas diferentes daquelas destinadas aos demais segmentos sociais. Tais irmandades com suas igrejas se caracterizavam como um espaço para reunião dos escravizados, local onde realizavam seus próprios ritos e celebrações, podendo adaptar suas tradições religiosas em meio aos elementos do catolicismo, instituindo uma religiosidade própria e independente das autoridades eclesiásticas (Reis, 2021, p. 21).

Além desses elementos culturais, para a compreensão das divisões territoriais, adota-se as definições do *Quadro Geográfico de Referência para a Produção, Análise e Disseminação de Estatísticas*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo o documento, os distritos são unidades administrativas internas aos Municípios. Sua criação, organização ou supressão se faz por leis municipais, observada a legislação estadual. Podem ser subdivididos em unidades administrativas denominadas subdistritos, regiões administrativas, zonas ou outra denominação específica (IBGE, 2025, p.1).

De acordo com Pinto (2003), a existência de um distrito está associada à consolidação de um núcleo populacional com certa densidade demográfica e organização territorial. No entanto, suas decisões administrativas, econômicas e políticas permanecem subordinadas ao município-sede, uma vez que o distrito não possui autonomia político-administrativa própria.

No entanto, os requisitos exigidos para a criação de um distrito são estabelecidos por meio de lei estadual. O município não pode, por si só, instalar distritos adotando critérios próprios. Faz-se necessário que um povoado atenda todas as exigências determinadas pela legislação estadual para que o município, por meio de uma lei municipal aprovada pela Câmara de Vereadores local, o eleve à categoria de distrito. (Pinto, 2003, p. 57).

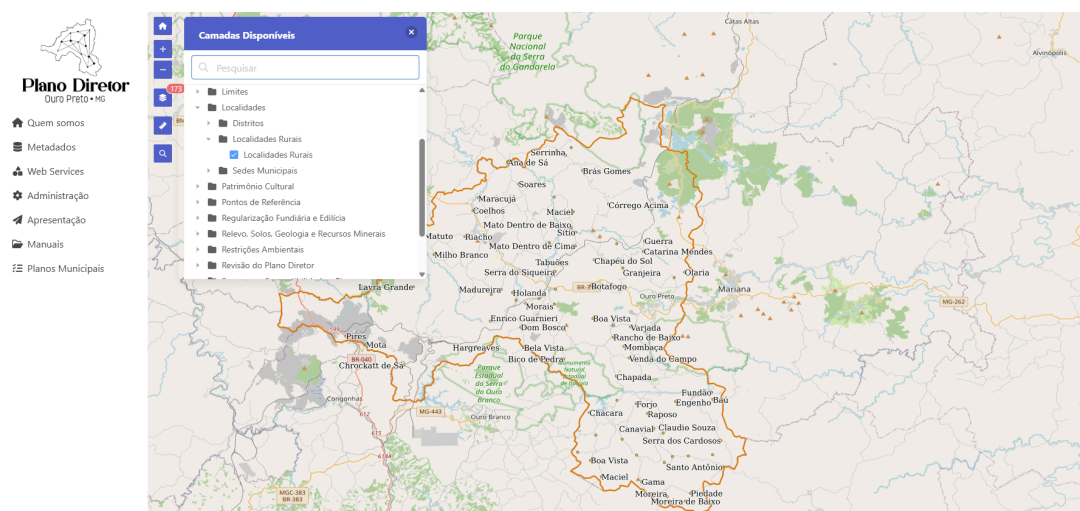
No entanto, a definição de distrito não se esgota nesses critérios administrativos, a divisão territorial brasileira prevê, além dos municípios e distritos, a possibilidade de criação de subdistritos. Essa previsão está estabelecida no Decreto-Lei nº 311, de 2 de março de 1938, que regulamenta a organização das circunscrições administrativas no território nacional. De acordo com o Art. 14 da norma, “a companhia dos governos estaduais para a criação dos distritos não impede que os governos dos municípios, para fins exclusivos da respectiva administração, os subdividam em subdistritos” (BRASIL, 1938, art. 14).

Os subdistritos são unidades internas dos Municípios, ligadas aos distritos que dividem o território, constituem normalmente o segundo nível de divisão municipal. A divisão dos substratos é geralmente adotada nas grandes cidades podendo variar conforme as necessidades da administração (IBGE, 2025, p. 1).

Essa disposição evidencia que os subdistritos não constituem uma obrigatoriedade administrativa, mas uma concessão atribuída aos municípios, em que a criação depende de lei municipal específica. Dessa forma, a existência ou não de subdistritos deve ser verificada caso a caso, mediante análise da legislação local e do cadastro territorial mantido pelo IBGE.

Em Ouro Preto, a estrutura político-administrativa formal do município não reconhece os subdistritos como categorias instituídas por legislação municipal específica. Apesar disso, o termo "subdistrito" é recorrente em documentos institucionais, publicações oficiais e na comunicação cotidiana da administração pública, sendo utilizado inclusive em conteúdos disponibilizados pela Prefeitura Municipal e pelo Plano Diretor. Entretanto, a classificação oficial adotada pelo próprio Plano Diretor Municipal identifica esses espaços como localidades rurais. Conforme apresentado no mapa a seguir, o município contabiliza aproximadamente 47 localidades rurais, distribuídas pelo território ouro-pretano.

FIGURA 5 - Mapa de localidades rurais de Ouro Preto



Fonte: Reprodução Plano Diretor

Na legislação municipal propriamente dita, entretanto, esses espaços territoriais são geralmente denominados como *localidades* ou, em alguns casos, enquadrados como *bairros* vinculados a distritos oficialmente reconhecidos, como ocorre, por exemplo, com áreas associadas ao distrito de Santo Antônio do Leite, como a Chapada do Leite e o Dom Bosco.

As menções em documentos oficiais, entretanto, não configuram reconhecimento legal por meio de lei municipal, e portanto, não são instrumentos aptos a instituir divisões político-administrativas do município, atribuição que depende de aprovação do Poder Legislativo.

2.1 Caracterização dos distritos selecionados

A partir dos conceitos apresentados no tópico anterior, para a realização desta pesquisa analisaremos o consumo de televisão e a sociabilidade em dois distritos que foram definidos considerando características demográficas e contextuais com base nos dados do Censo Demográfico de 2022 (IBGE, 2022). No *dashboard*³ abaixo, é possível observar as características consideradas relevantes para a pesquisa, como idade, gênero, faixa etária, área territorial e habitantes.

Para a construção desta pesquisa, foram selecionados dois distritos do município de Ouro Preto: Cachoeira do Campo e Santo Antônio do Salto. A escolha desses territórios se

³ Ferramenta visual que auxilia na exibição de dados de forma compacta e exibe dados por meio de gráficos, tabelas e indicadores.

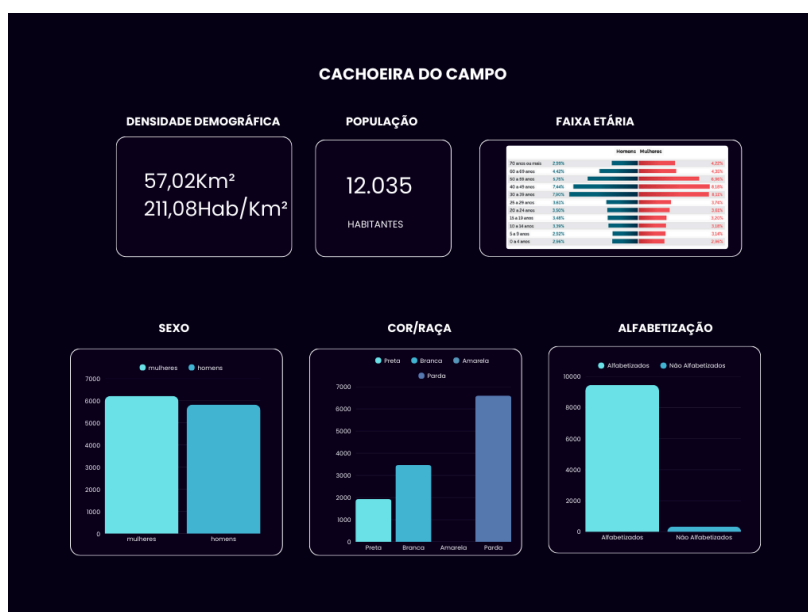
deu a partir de suas características demográficas e contextuais distintas, que permitem observar diferentes formas de organização social e de consumo midiático.

Cachoeira do Campo apresenta marcas urbanas mais evidentes, com maior densidade populacional e oferta de serviços; já Santo Antônio do Salto se caracteriza por um contexto predominantemente rural, e mais distante da sede com menor população e acesso restrito a serviços e opções de lazer. Esses dois distritos, analisados de forma comparativa, possibilitam compreender como a televisão se insere em realidades distintas dentro de um mesmo município.

2.1.1 Cachoeira do Campo

O primeiro dos distritos selecionado foi Cachoeira do Campo, localizado há 23,8 km de Ouro Preto, é o mais populoso do município, que em 2022 contava com 12.035 habitantes, segundo o IBGE. O distrito apresenta características marcadamente urbanas. Sua elevada densidade demográfica em relação aos outros distritos selecionados (211,08 hab/km²), aliada à presença de escolas, comércios e serviços públicos, aproxima-o de um contexto semiurbano. Por estar mais conectado à sede municipal, dispõe de melhor infraestrutura e acesso à internet, o que o torna relevante para compreender o papel da televisão em um ambiente no qual há maior circulação de tecnologias e conteúdos midiáticos.

FIGURA 6 - Dados Cachoeira do Campo



Fonte: Autoria Própria

A história de Cachoeira do Campo tem início em meados de 1680, com a chegada das bandeiras de Fernão Dias. O distrito foi palco de importantes marcos históricos, como a Guerra dos Emboabas, e abriga edificações que serviram como residência de governadores da antiga Capitania de Minas Gerais. Em razão de sua localização estratégica, situada em pontos de convergência das principais estradas mineiras do século XVIII, Cachoeira do Campo foi escolhida para a construção do Palácio de Campo dos Governadores, consolidando-se como um espaço de representação política e administrativa no período colonial. Essas informações constam na revista do *Archivo Público Mineiro*, volume 13, publicada em 1907, na obra inacabada do padre Affonso Henrique de Figueiredo Lemos, intitulada *Monographia da Freguezia de Cachoeira do Campo*.

O acontecimento de suma é decisiva importância para os futuros destinos de Cachoeira do Campo foi, sem dúvida, a escolha que desse lugar fizeram os governadores da antiga Capitania para ali edificarem uma aprazível Casa de Campo, onde, de tempos em tempos, vinham repousar das preocupações e fadigas do governo, respirando o ar puro e saudável de nossas campinas [...] E, de fato, nas temporadas em que ali veraneava os faustosos governadores, acompanhados de suas nobres famílias e de seu esplêndido séquito, Cachoeira transformava-se em uma pequena e distinta corte [...] compondo um painel deslumbrante e encantador, emoldurado em um horizonte infinito, esmaltado de belezas cintilantes (Lemos, 1907, p. 79. Tradução nossa).⁴

Um dos elementos de destaque na configuração atual do distrito é a instalação do hotel de luxo Vila Galé Collection Ouro Preto em um edifício histórico da região, anteriormente ocupado pelo 1º Quartel do Regimento de Cavalaria de Minas Gerais (1779) e, posteriormente, pelo Colégio Dom Bosco.

⁴ O acontecimento de summa e decisiva importância para os futuros destinos do Cachoeira do Campo, foi sem duvida, a escolha que deste logar fizeram os Governadores da antiga Capitania, para ahi edificarem aprazivel Casa do Campo, onde, de quando em quando, vinham repousar das preocupações e fadigas do governo, respirando o ar puro e salutar de nossas campinas [...] E de facto, nas temporadas em que ahi veraneavam os faustosos Governadores, acompanhados de suas nobres familias, o esplendido soquito do governo, Cachoeira transformava-se em pequena e luzida corte [...] compondo um painel deslumbrante e encantador, moldurado n'um horizonte infindo esmaltado de scintillantes bellezas. (*Freguezia da Cachoeira do Campo*, 1907, p. 79).

FIGURA 7- Hotel Vila Galé Collection

Fonte: Divulgação/Vila Galé

Hoje, o distrito se destaca por suas riquezas naturais, clima ameno e festas tradicionais, além da valorização da jabuticaba como elemento identitário local. As tradições religiosas acompanham a história de Cachoeira do Campo desde sua fundação. Segundo a tradição oral, ao chegar às terras cachoeirenses, o aventureiro Manuel de Melo trazia consigo a imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Durante a passagem pelo território, a carroça em que estava teria emperrado, fato por ele interpretado como um sinal da santa para que ali se estabelecesse (SOUZA, [s.d.], p. 11). Hoje, a Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, localizada no centro do distrito, constitui um marco histórico e simbólico que rememora essa narrativa fundacional.

No âmbito econômico, uma das principais riquezas responsáveis pela movimentação da economia local nas últimas quatro décadas é a jabuticaba, cuja produção contribui

diretamente para a construção da identidade do distrito. Em 2025, essa atividade foi reconhecida como Arranjo Produtivo Local (APL).

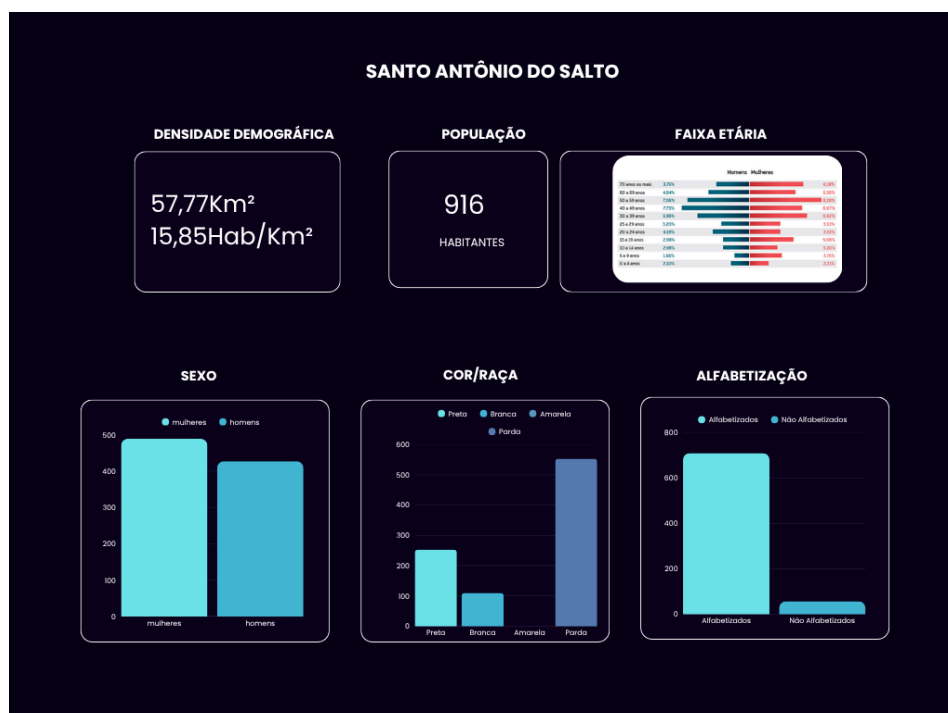
A jabuticaba é um símbolo do distrito. Seu cultivo e colheita envolvem famílias inteiras, que transformam o fruto em produtos consumidos ao longo do ano. As jabuticabeiras marcam a paisagem de Cachoeira do Campo durante a safra e fazem parte da identidade local (Veloso, 2025).

A atividade está relacionada à abundância de jabuticabeiras na região, árvores nativas da Mata Atlântica, cujos frutos dão origem a doces, geleias, licores, entre outros produtos artesanais. Atualmente, é comum encontrar, nos acessos ao distrito, vendedores ambulantes oferecendo a jabuticaba, evidenciando sua relevância econômica e cultural para Cachoeira do Campo.

2.1.2 Santo Antônio do Salto

O segundo distrito selecionado foi Santo Antônio do Salto, localizado a aproximadamente 31,7 km da sede do município de Ouro Preto. O distrito possui uma área de 57,77 km² e, segundo o Censo Demográfico de 2022 do IBGE, conta com uma população de 916 habitantes, tendo sido reconhecido oficialmente como distrito apenas no ano de 1992.

FIGURA 8 - Dados de Santo Antônio do Salto



Fonte: Autoria própria

A escolha desse território foi motivada pela diferença de perfil em relação a Cachoeira do Campo, sobretudo por apresentar menor densidade populacional e uma dinâmica de socialização distinta. Trata-se de um distrito com oferta limitada de serviços públicos e infraestrutura, cuja organização se aproxima da realidade de grande parte dos distritos do município, contando com estabelecimentos básicos, como escolas, bares e restaurantes.

O distrito se destaca, ainda, por sua riqueza natural que configura um de seus principais atrativos turísticos e pela presença de tradições culturais fortemente vinculadas à religiosidade cristã, especialmente de matriz católica, elementos que contribuem para a configuração de suas práticas sociais e formas de convivência. Como o próprio nome sugere, o padroeiro do distrito é Santo Antônio.

Embora os registros históricos que tratam sua fundação sejam escassos, seu nome possui forte ligação com a tradição religiosa. O que se sabe sobre sua origem remete, em grande medida, a aspectos técnicos e geográficos: o distrito teria se formado possivelmente ao final do século XVIII, ao pé da Serra do Itacolomi, entre o Rio Maracujá (ou Maynart) e o Ribeirão dos Prazeres.

O principal ponto de socialização da região é a Igreja de Santo Antônio, localizada na praça central do distrito, onde se encontra a imagem do padroeiro, que segundo registros teria sido produzida pelo Mestre Piranga, que teria produzido diversas outras obras na região. Enquanto na tradição oral, a peça teria sido deixada na capela da Fazenda do Salto por uma caravana de tropeiros que se dirigia à antiga Vila Rica (Coelho,2022).

FIGURA 9 - Igreja de Santo Antônio no distrito



Fonte: Divulgação/PMOP

Os relatos de moradores contam que o nome do distrito também estaria associado a uma formação rochosa presente na região, visível ao longo da estrada principal de acesso.

Pouco se sabe sobre a história da pedra de Santo Antônio. Segundo relatos de moradores mais antigos, a comunidade recebeu o nome de Santo Antônio do Salto em referência à semelhança, em perfil, da imagem do santo em uma parte deslocada da montanha principal. Essa visualização é possível apenas em dois pontos específicos: na estrada principal, na chegada à comunidade, e na estrada acima do cânion do Funil. Do perímetro urbano distrital, não é possível observar a formação rochosa que remete à imagem de Santo Antônio (Portal Ouro Preto, 2019).

FIGURA 10 - Pedra de Santo Antônio



Fonte: Turismo Ecológico em Santo Antônio do Salto - OP /Facebook

A rotina de socialização na região é marcada por um ritmo mais tranquilo, influenciado pela distância em relação à sede municipal e pelas limitações de acesso. O distrito dispõe de poucas opções de entretenimento, sendo a festa de Santo Antônio uma das principais atividades coletivas. Realizada no mês de junho, especialmente no dia 13, a celebração remete às tradicionais festas juninas. Após a missa, realizada no largo da igreja, é montado um palco em frente à matriz, enquanto as ruas do entorno são decoradas com bandeirolas. Na praça, moradores organizam barracas com comidas típicas produzidas localmente. Apesar de sua relevância cultural, a festa possui caráter predominantemente comunitário, com participação majoritária dos próprios moradores.

Outro momento de destaque é a tradicional festa da culinária típica, realizada em meados do mês de agosto. O evento ocorre há mais de duas décadas e também se concentra na praça central do distrito, principal espaço de socialização da comunidade. A programação inclui apresentações musicais, danças tradicionais como a Dança da Peneira, e a comercialização de pratos típicos preparados por quituteiras locais. Toda a festividade acontece no entorno da praça, reforçando o caráter comunitário e cultural do evento, além da simbologia da praça como espaço de lazer para a comunidade.

2.2 Motivação pessoal e vínculo territorial

Antes de apresentar a motivação desta pesquisa, é importante recorrer brevemente à primeira pessoa. A escolha deste objeto não nasceu apenas de uma inquietação acadêmica, mas também da minha vivência em Ouro Preto e da convivência com moradores da sede e dos distritos, experiências que despertaram meu interesse em compreender os usos cotidianos da televisão nesses territórios. A motivação para a escrita desse tema veio durante uma conversa com uma moradora da sede de Ouro Preto, com idade estimada entre 60 e 65 anos, ela relatou aspectos de sua rotina cotidiana, marcada por atividades domésticas e pelo cuidado com os netos. Segundo ela, seu dia se inicia com tarefas como acordar, tomar café, preparar o almoço e encaminhar os netos para a escola.

Após esse período de atividades, afirmou que o intervalo entre a saída dos netos para a escola e o retorno dos demais familiares para casa é dedicado quase exclusivamente ao descanso e a assistir de televisão. Nesse período, segundo seu relato, assiste à programação vespertina alternando entre os canais e acompanhando atrações como *Sessão da Tarde (Globo)*, *Casos de Família (SBT)*, *Fofocalizando (SBT)* e novelas exibidas no período da tarde. Ela ressaltou que essa dinâmica representa o retrato da maioria de suas tardes.

Embora resida na sede de Ouro Preto, local que oferece diferentes alternativas de lazer, a entrevistada afirmou manter esse ritual diariamente, com exceção dos fins de semana, quando a programação televisiva é ampliada.

O relato da mulher não se apresenta como um caso isolado, mas dialoga com experiências recorrentes em contextos semelhantes, marcados pela centralidade da televisão no cotidiano doméstico. A escuta dessa narrativa, em particular, acionou memórias pessoais que ajudam a compreender de forma mais situada o papel da televisão como mediadora de rotinas, afetos e temporalidades em contextos do interior. Nesse sentido, minha própria trajetória passa a operar não como contraponto ao relato, mas como elemento complementar de reflexão sobre o vínculo entre televisão, memória e experiência cotidiana.

A seleção dos distritos possibilita contemplar diferentes contextos de vida e níveis de acesso aos meios de comunicação, oferecendo um panorama diversificado para a análise do uso e do significado da televisão como forma de entretenimento. No entanto, para além da dimensão técnica, essa escolha também se relaciona a uma motivação de ordem pessoal, ligada ao meu próprio percurso e às memórias construídas em torno da televisão.

Nascida na cidade de Mariana, em 2004, e moradora de Ouro Preto há cerca de quinze anos, vivi meus primeiros seis anos de vida no distrito de Santo Antônio do Salto. Embora minhas lembranças desse período não sejam totalmente nítidas, recordo com clareza que a televisão ocupava um papel central de socialização no distrito, especialmente entre as famílias. Parte da minha infância foi marcada por desenhos e programas que acompanhavam a rotina tranquila de uma criança do interior, em uma realidade humilde do início dos anos 2000, quando o acesso limitado a canais permitia apenas o consumo da programação da TV aberta. Produções como *Castelo Rá-Tim-Bum*, *Cyberchase*, *Escola pra Cachorro*, *Madeline* e *Os Sete Monstrinhos* fizeram parte de meu repertório formativo e constituem algumas das memórias mais vívidas desse período. Somente cerca de sete anos mais tarde passei a ter contato com canais infantis como Disney Channel, Nickelodeon e Cartoon Network. Isso acontecia, em geral, nas casas em que minha mãe trabalhava como faxineira e eu a acompanhava. Na época, acompanhá-la era uma forma de estar próxima dela, mas também de acessar espaços, objetos e experiências que não faziam parte do meu cotidiano.

Hoje, reconheço que grande parte das minhas referências afetivas e culturais está profundamente vinculada à televisão e ao território em que vivi. Consigo associar diferentes fases da minha vida aos programas televisivos que acompanhava em cada período, o que evidencia como as experiências cotidianas são atravessadas pelos meios de comunicação. A televisão dentro do meu território, representava muito mais do que um dispositivo tecnológico, era uma janela para um mundo exterior ao que eu já havia conhecido, me apresentando diversas possibilidades em um elemento que organizava memórias, afetos e percepções sobre o mundo, confirmando, em alguma medida, que nossas trajetórias também são construídas a partir dos conteúdos midiáticos com os quais convivemos.

3. TERRITORIALIDADES MIDIÁTICAS E USOS DA TELEVISÃO

Neste capítulo, a televisão será compreendida para além de um aparelho de telecomunicação. Busca-se analisá-la como um meio de comunicação inserido no cotidiano, considerando seus diferentes usos em distintas realidades e sua importância na construção de experiências, sociabilidades e formas de apropriação da informação e do entretenimento. Além disso, serão discutidas as práticas de recepção televisiva buscando compreender suas especificidades, as formas de apropriação do meio pelos sujeitos e a maneira como a televisão opera culturalmente na organização das relações sociais e das experiências cotidianas.

3.1 Televisão, cultura e práticas de recepção

A televisão ocupa um papel central não apenas na oferta de informação, mas também na constituição de práticas de entretenimento (Fonseca, 2019, p. 357). Desde meados do século XX, autores como Adorno e Horkheimer, da Escola de Frankfurt, a inserem no conjunto dos produtos da Indústria Cultural, e enfatizam seu potencial de reforçar a passividade e a reprodução das formas sociais.

No entanto, os estudos sobre a mídia não se restringem às contribuições da Teoria Crítica. Em contraste com a perspectiva desenvolvida pela Escola de Frankfurt, surgem, na segunda metade do século XX, os Estudos Culturais, que passam a questionar a compreensão dos públicos como receptores passivos das mensagens midiáticas e direcionam o olhar para os processos de produção de sentido realizados pelos sujeitos.

Os Estudos Culturais têm origem no *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), da Universidade de *Birmingham*, na Inglaterra. Essa corrente propõe uma concepção ampliada de cultura, compreendendo-a como um conjunto de práticas, significados e experiências produzidos no cotidiano dos mais diversos grupos sociais. Trata-se de uma tradição interdisciplinar voltada para a compreensão das relações entre cultura e sociedade, rompendo com a visão elitista e conservadora de cultura predominante na Inglaterra entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (França; Simões, 2017).

A partir dessa perspectiva, a comunicação passa a ser compreendida como um espaço de produção e disputa de sentidos, no qual os sujeitos interpretam, negociam e ressignificam os conteúdos midiáticos de acordo com suas experiências e contextos socioculturais. Diferentemente das abordagens que enfatizavam sobretudo o poder dos meios de comunicação sobre os indivíduos, os Estudos Culturais reconhecem a participação ativa dos públicos na construção dos significados. Essa mudança possibilita compreender os produtos

mediáticos como elementos inseridos em contextos culturais específicos, nos quais são apropriados e reinterpretados pelos sujeitos.

Essa perspectiva exerceu forte influência sobre os estudos latino-americanos da comunicação, que passaram a investigar as relações entre mídia, cultura e cotidiano considerando as especificidades históricas e sociais da região. Nesse contexto destacam-se as contribuições de Jesús Martín-Barbero, antropólogo e filósofo espanhol-colombiano e um dos principais pensadores sobre comunicação e cultura na América Latina, cuja proposta teórica desloca o foco dos meios para as mediações culturais presentes nos processos comunicacionais. Suas reflexões tornam-se referência para os estudos de comunicação na América Latina, especialmente a partir da publicação de *"De los medios a las mediaciones"*, em 1987. Entre as mediações inicialmente destacadas pelo autor estão a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural (França; Simões, 2017). Dentre elas, a cotidianidade familiar assume especial relevância para esta pesquisa, uma vez que permite compreender as formas pelas quais o consumo televisivo se articula às práticas e dinâmicas da vida cotidiana.

Nem a família, nem a escola — velhos redutos da ideologia — são já o espaço chave da socialização; os mentores da nova conduta são os filmes, a televisão, a publicidade, que começam transformando os modos de vestir e terminam provocando uma ‘metamorfose dos aspectos morais mais profundos’ (Barbero, 1997, p. 58).

Ao propor a observação da televisão como um operador cultural, Martín-Barbero revela não apenas características do meio, mas também as dinâmicas culturais e de convivência presentes nos contextos latino-americanos. Ao deslocar o debate dos efeitos dos meios para os processos de mediação, o autor dedica-se a compreender como os meios de comunicação, especialmente a televisão, se articulam às experiências culturais, às práticas cotidianas e às formas de interação dos diferentes grupos sociais. Dessa forma, os espectadores deixam de ser compreendidos como receptores passivos e passam a ser entendidos como sujeitos que interpretam, negociam e atribuem sentidos aos conteúdos midiáticos a partir de seus próprios repertórios culturais.

Nesse contexto, a televisão é compreendida como um espaço de encontro entre diferentes matrizes culturais. Ao mesmo tempo em que veicula valores, discursos e representações produzidos pelas indústrias culturais, ela também dialoga com práticas, costumes, memórias e formas de sociabilidade já presentes na cultura popular. Para Barbero (1997), os sentidos produzidos pelos conteúdos televisivos não são definidos exclusivamente por quem os produz, mas resultam de um processo de interação entre as mensagens

mediáticas e os contextos culturais em que são recebidas. Como explica o autor, “indo dos gêneros derivados às matrizes culturais é possível explicitar os dispositivos que enlaçam o territorial com o discursivo, as nossas temporalidades e formas, a memória e seus lugares de ancoragem” (Martín-Barbero, 1997, p. 316).

3.2 O que é o meio: A televisão e seu diferencial

Embora a televisão já estivesse presente na Europa e nos Estados Unidos desde a década de 1930, sua popularização nesses países ocorreu principalmente a partir dos anos 1950 (Hamburguer, 2005). No Brasil, a implantação da televisão em caráter comercial ocorreu em meados de 1950, com a inauguração da TV Tupi de São Paulo, primeira emissora do país. Foi fundada por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, conhecido como Chatô, jornalista e empresário que se consolidou como uma das figuras mais influentes do setor de comunicação brasileiro no século XX (Almada, 2011).

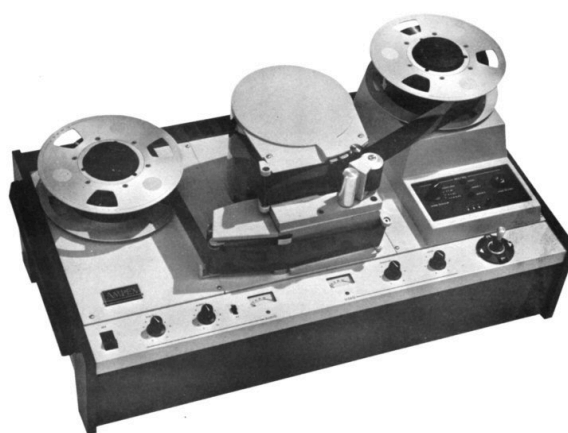
Segundo o Arquivo Nacional, “a inauguração da PRF-3 Difusora, prefixo da TV Tupi de São Paulo, ocorreu após um curto período de treinamento e preparação dos técnicos e artistas” (Arquivo Nacional, s.d.). Quatro meses depois, em 20 de janeiro de 1951, Chateaubriand inaugurou a TV Tupi do Rio de Janeiro, que se tornou a segunda emissora de televisão da América Latina. A criação dessas emissoras marcou o início da televisão brasileira e deu origem a um novo modelo de comunicação de massa, que passaria a desempenhar papel central na produção cultural e informativa do país.

A televisão sucedeu o rádio como principal meio de comunicação de massa audiovisual. Em seus primeiros anos, grande parte da programação televisiva foi inspirada ou adaptada de formatos já consolidados no rádio, incluindo programas de auditório, radionovelas e noticiários (Leal, 2009). Dessa forma, a televisão incorporou práticas e linguagens radiofônicas ao mesmo tempo em que desenvolvia características próprias associadas ao uso da imagem.

Poucos anos após a chegada da televisão ao Brasil, observou-se um crescimento significativo do número de aparelhos em circulação. Um dos fatores que impulsionou a consolidação do meio foi a introdução do videotape (VT), em 1959, tecnologia que permitiu a gravação, edição e reprodução de programas televisivos. Com isso, as emissoras deixaram de depender exclusivamente das transmissões ao vivo, passando a organizar grades de programação mais estáveis e ampliando as possibilidades de produção audiovisual. A utilização do videotape também possibilitou a realização de gravações externas,

diversificando os cenários e as narrativas televisivas. Como destacam Abreu e Silva (2012), a televisão deixa de estar restrita ao estúdio e passa a incorporar novos espaços e novas imagens, ampliando significativamente suas possibilidades de produção.

FIGURA 11 - Modelo de videotape desenvolvido por Ampex



Fonte: Reprodução/ Lab Guys World

Em 1964, cerca de quatorze anos após a inauguração da televisão no Brasil, o golpe civil-militar interrompeu a ordem democrática no país e deu início a um regime ditatorial marcado pela censura, repressão política e controle dos meios de comunicação. A partir desse contexto, a televisão assumiu um papel estratégico no projeto de integração nacional conduzido pelo regime. A programação, a organização das emissoras e as formas de produção audiovisual passaram a ser influenciadas pelas políticas de comunicação do governo, que buscava fortalecer sua legitimidade e difundir determinados valores e narrativas. Nesse cenário, a televisão consolidou-se como um dos principais instrumentos de formação da opinião pública durante o período. Como destaca Bucci (2016, p. 3), "uma das marcas identitárias da cultura inaugurada pela ditadura militar no Brasil foi a consolidação do espaço público posto pela instância da imagem ao vivo".

A expansão da presença da televisão nos domicílios brasileiros se deu de maneira mais expressiva e acompanhou o desenvolvimento urbano a partir de meados da década de 1970, em um contexto de crescimento econômico conhecido como 'milagre econômico'. Posteriormente, na década de 1990, a estabilização da economia decorrente do Plano Real contribuiu para uma nova ampliação do acesso aos aparelhos televisivos pela população (Hamburguer, 2005).

As transformações institucionais e sociais não são os únicos elementos que marcam a trajetória da televisão. Ao longo de sua história, o meio passou por sucessivas mudanças

tecnológicas que possibilitaram sua adaptação aos diferentes contextos em que esteve inserido. Essas transformações impactam não apenas aspectos técnicos relacionados à produção, transmissão e recepção dos conteúdos audiovisuais, mas também as formas de consumo e de interação entre a televisão e seus telespectadores. Dessa maneira, sua evolução tecnológica contribuiu para redefinir seu papel na sociedade e presença no cotidiano da população.

As características discutidas até aqui correspondem à TV 1.0, marcada pelos primeiros aparelhos que simbolizaram a chegada da televisão ao Brasil. Entretanto, esse dispositivo passou por sucessivas transformações tecnológicas ao longo do tempo. Após a consolidação da televisão nos lares brasileiros, iniciou-se um processo de modernização que culminou na implantação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre (SBTVD), em 2007, inaugurando a fase denominada TV 2.0. A televisão digital representou uma mudança significativa na forma de transmissão e recepção do conteúdo televisivo, introduzindo recursos como sinal de alta definição (*High Definition – HD*), áudio multicanal e maior estabilidade na recepção, reduzindo interferências e ruídos característicos do sistema analógico.

Atualmente, a televisão passa por uma nova etapa de evolução tecnológica, denominada TV 3.0 ou DTV+, que busca integrar a radiodifusão tradicional às possibilidades oferecidas pela internet. Entre as inovações previstas estão a personalização de conteúdos e publicidade, a ampliação da interatividade, a oferta de serviços sob demanda e melhorias na qualidade de áudio e imagem, promovendo uma experiência de consumo mais imersiva e adaptada às preferências do telespectador.

Na TV Digital 3.0, a transmissão dos conteúdos será realizada de forma híbrida, combinando o sinal de radiodifusão com a conexão em banda larga. Essa integração potencializa a interatividade ao permitir que o telespectador acesse informações complementares, conteúdos sob demanda e serviços associados à programação exibida, cujos resultados poderão ser visualizados tanto na tela da televisão quanto em dispositivos móveis, como smartphones (Celestino; Pernisa, 2024).

Entretanto, independentemente das atualizações e modernizações tecnológicas, a televisão continua ocupando um espaço relevante nos lares brasileiros, ainda que as novas dinâmicas de consumo midiático tenham alterado parte de suas funções e formas de utilização. As transformações observadas ao longo do tempo evidenciam a capacidade de adaptação desse meio aos diferentes contextos históricos, sociais e tecnológicos em que está inserido. Dessa forma, a televisão permanece presente no cotidiano de distintos grupos

sociais, assumindo funções que ultrapassam o entretenimento e a informação, participando também da construção de rotinas, sociabilidades e experiências compartilhadas.

3.3 A TV como operador cultural

Ao longo do século XX, os meios de comunicação foram frequentemente analisados a partir de seus efeitos sobre a sociedade, sobretudo em abordagens que buscavam compreender sua capacidade de influência sobre comportamentos, opiniões e padrões culturais. No entanto, com o avanço dos estudos culturais latino-americanos, a televisão passou a ser compreendida para além de sua função de transmissão, sendo reconhecida como um espaço de mediação cultural, atravessado pelas experiências cotidianas, pelas relações familiares e pelos repertórios simbólicos dos sujeitos (Barbero, 1997).

Nesse contexto, a televisão passou a ocupar uma posição central na organização da vida cotidiana. Inserida no ambiente doméstico, sua programação contribuiu para a construção de rotinas e temporalidades sociais. Conforme observa França (2009), a televisão, ao mesmo tempo em que projeta os indivíduos para além do espaço doméstico, também "organiza o mundo e a sua complexidade, facilitando e aplainando nossa inserção nos lugares que são os nossos" (França, 2009, p. 38). A distribuição dos programas ao longo do dia, como os telejornais nas primeiras horas da manhã, programas de variedades durante o período matinal, noticiários próximos ao horário do almoço, produções ficcionais no período da tarde e conteúdos jornalísticos e dramatúrgicos no período noturno, também é um dos fatores que contribuiu para a estruturação de hábitos de consumo e práticas cotidianas de diferentes grupos sociais.

Essa lógica de organização cotidiana evidencia que a televisão ultrapassou sua condição de aparato técnico de transmissão para assumir um papel ativo na construção da vida social e cultural. Inserida no ambiente doméstico, a programação televisiva passou a acompanhar hábitos, conversas, rotinas familiares e formas de sociabilidade, tornando-se também responsável pela circulação de referências simbólicas compartilhadas entre diferentes grupos sociais. Ao discutir a relação entre televisão e cotidiano, Barbero afirma que "a matriz cultural do tempo organizado pela televisão" está diretamente associada "à repetição e ao fragmento", destacando ainda que é "ao se inserir no tempo do ritual e da rotina que a televisão inscreve a cotidianidade no mercado" (Barbero, 1997, p. 295).

A reflexão do autor ajuda a compreender como a televisão se consolida a partir de práticas repetidas diariamente, integrando-se às temporalidades do cotidiano e às dinâmicas

familiares. O dispositivo deixa de ser apenas um simples meio de transmissão e passa a acompanhar rituais domésticos e hábitos cotidianos, inserindo-se nos momentos de descanso, alimentação, convivência e lazer. Dessa forma, sua presença contínua contribui para a construção de referências culturais compartilhadas e para a formação de repertórios simbólicos que atravessam as relações sociais e os territórios.

Ao serem convertidas em referências culturais amplamente compartilhadas, as narrativas e representações televisivas passam a circular nos territórios como elementos de repertório coletivo e sociabilidade cotidiana. Em muitos contextos interioranos, marcados por limitações geográficas, dificuldades de acesso a equipamentos culturais e escassez de opções diversificadas de entretenimento, a televisão assume papel central nas dinâmicas sociais e nas formas de convivência.

Nesses espaços, não é incomum que conteúdos televisivos integrem conversas cotidianas entre moradores, atravessando relações de vizinhança e práticas de sociabilidade. Comentários sobre capítulos de novelas, acontecimentos exibidos nos telejornais ou discussões sobre personagens e artistas frequentemente extrapolam o ambiente doméstico e passam a compor interações sociais compartilhadas dentro da comunidade.

A inserção da televisão no cotidiano doméstico também contribuiu para a construção de relações de familiaridade entre os espectadores e os conteúdos exibidos. Diferentemente de outros meios de comunicação mais distantes ou formais, a linguagem televisiva se estruturou a partir de uma lógica de proximidade, criando a sensação de presença constante dentro do ambiente familiar. Ao discutir essa característica, Barbero (1997) afirma que “na televisão, a visão predominante é aquela que produz a sensação de imediatez”, marcada por “rostos próximos” e “amigáveis” (Barbero, 1997, p. 295). Essa sensação de proximidade ajuda a compreender como a televisão ultrapassa o momento da transmissão e passa a integrar práticas cotidianas e formas de sociabilidade, dessa forma, a televisão não apenas informa e entretém, mas também participa da construção de repertórios culturais compartilhados dentro do território.

A televisão constitui, portanto, um dos elementos centrais da vida cotidiana, presente desde as práticas domésticas até as relações familiares e formas de sociabilidade, sua presença contínua no ambiente doméstico faz com que os sentidos produzidos por ela sejam apropriados de maneiras distintas pelos espectadores, a partir de suas experiências culturais, sociais e territoriais. Nesse sentido, Barbero (1997) propõe que “o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações” (Barbero, 1997, p. 258), considerando os contextos cotidianos em que os processos comunicacionais acontecem. Assim, compreender a televisão

enquanto operador cultural implica também analisar como os indivíduos recebem, interpretam e incorporam os conteúdos televisivos em suas práticas diárias.

3.4 Os estudos de recepção e metodologia da pesquisa

Os estudos de recepção constituem o principal referencial teórico metodológico desta pesquisa, pois permitem compreender as relações estabelecidas a partir do uso da televisão. Como destaca Dias (2019), as relações das pessoas com os meios de comunicação transcendem o espaço doméstico, podendo moldar relações sociais e diferentes aspectos do cotidiano. Nessa perspectiva, os estudos de recepção representam uma mudança nos estudos da comunicação, ao deslocarem o foco dos meios para os sujeitos e para as diferentes formas como estes se relacionam com a comunicação. O público deixa de ser compreendido como um espectador passivo, que apenas recebe os produtos midiáticos, e passa a ser reconhecido como um receptor ativo, capaz de interpretar, negociar e ressignificar sentidos a partir do conteúdo consumido.

Desse modo, compreender o consumo da televisão implica considerar não apenas os conteúdos assistidos, mas também as experiências construídas, os valores, as rotinas e os contextos em que esse consumo ocorre. Nesta pesquisa, essa relação é discutida de forma articulada com o território em que os participantes estão inseridos, considerando que, embora integrem o mesmo município, Ouro Preto, os distritos possuem identidades próprias e constroem significados particulares a partir de suas vivências. Compreende-se, ainda, que cada receptor é único e possui repertórios próprios; por isso, mesmo compartilhando um mesmo território, os sujeitos estabelecem diferentes formas de se relacionar com o meio.

A pesquisa fundamenta-se na perspectiva de Barbero (1997), que compreende a recepção a partir das mediações, considerando aspectos estruturais, institucionais, conjunturais e tecnológicos. Desse modo, segundo Dantas (2008), o receptor deixa de ser um "mero indivíduo que recebe as mensagens" e passa a ser compreendido como um sujeito do processo comunicacional, que interpreta o conteúdo das mensagens conforme os valores sociais que defende. Barbero (1997) propõe, a partir desse olhar, um deslocamento da análise dos meios, como televisão, celulares, rádios e outras tecnologias, para os processos socioculturais que mediam a relação dos sujeitos com a comunicação, evidenciando que fatores como família, território, memória, religiosidade, geração e cotidiano influenciam a forma como esses sujeitos se relacionam com os meios.

Os estudos de recepção possibilitam também compreender de forma mais fidedigna o modo como a televisão integra as práticas cotidianas nos distritos de Cachoeira do Campo e Santo Antônio do Salto. A escolha por desenvolver a pesquisa em distritos evidencia de maneira ainda mais clara os significados atribuídos ao meio. Como destaca Mota (2011), os impactos da globalização midiática tornam-se ainda mais evidentes no meio rural, uma vez que, até o início da década de 1990, a população que vivia no campo enfrentava grande isolamento midiático, sobretudo em função de questões geográficas, infraestruturais e financeiras.

A globalização midiática é caracterizada pela circulação cada vez mais acelerada de conteúdos, valores e referências culturais em escala global, marcada pela expansão dos meios de comunicação e o avanço das tecnologias de informação que intensificaram esse processo (Kuang, 2024). No entanto, o processo de globalização dos conteúdos midiáticos não implica a homogeneização das práticas culturais ou das formas de recepção, uma vez que, os sujeitos interpretam e ressignificam as mensagens a partir de suas experiências, de seus contextos sociais e de suas identidades culturais. Dessa forma, embora a globalização midiática amplie o acesso a diferentes conteúdos, sua apropriação permanece condicionada pelas mediações presentes no cotidiano dos indivíduos, como a família, a comunidade, a religiosidade e o território.

Nesse sentido, Kuang (2024) afirma que a globalização midiática, além de promover o contato com diferentes culturas, "enriquece as sociedades, permitindo que o público tenha acesso a uma gama mais ampla de perspectivas e produtos culturais". Essa perspectiva dialoga com França (2009), ao evidenciar que a televisão possui a capacidade de projetar os indivíduos para além do espaço doméstico, colocando-os em contato com realidades e experiências distantes de seu cotidiano. Tal característica evidencia o papel social da televisão como meio de ampliação dos horizontes culturais e de aproximação entre diferentes contextos sociais e geográficos, possibilitando o acesso a informações, costumes, paisagens e modos de vida que, muitas vezes, não fazem parte da experiência direta desses sujeitos.

Este estudo tem como inspiração a metodologia utilizada pela pesquisadora Lourdes Ana Pereira Silva em sua tese de doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em sua pesquisa, a autora realiza um estudo de recepção acerca da constituição de identidades familiares a partir da telenovela e do bumba meu boi, utilizando entrevistas semiestruturadas e observações etnográficas com três gerações de uma família maranhense.

Desse modo, esta pesquisa percorre diferentes territórios do município de Ouro Preto, buscando compreender as distintas formas pelas quais a televisão é incorporada ao cotidiano familiar. Inicialmente, o objetivo era estabelecer comparações entre três distritos do município: Antônio Pereira, Cachoeira do Campo e Santo Antônio do Salto. No entanto, ao longo do trabalho de campo, foram identificadas limitações relacionadas, sobretudo, ao tempo disponível para a realização da pesquisa e à necessidade de estabelecer vínculos com as famílias participantes, condição fundamental para o acompanhamento de suas rotinas e para a compreensão das relações estabelecidas com a televisão no espaço doméstico.

Diante dessas limitações, o distrito de Antônio Pereira foi retirado da pesquisa. Apesar das diversas tentativas de contato e aproximação com possíveis participantes, não foram encontrados indivíduos dispostos a integrar o estudo e a permitir o acompanhamento de sua rotina no ambiente familiar. Entre os argumentos apresentados pelos moradores, destacaram-se a ausência de um consumo considerado significativo de televisão no cotidiano familiar e a incompatibilidade entre suas rotinas e as condições necessárias para o acompanhamento proposto pela pesquisa. A pesquisa concentrou-se, então, nos distritos de Cachoeira do Campo e Santo Antônio do Salto. O objetivo, contudo, permaneceu o mesmo: compreender as relações estabelecidas pelos participantes com a televisão, considerando as mediações que atravessam essas relações e a influência dos territórios nos quais os sujeitos estão inseridos.

Ao longo do trabalho de campo, entretanto, surgiu a necessidade de incorporar um terceiro território à análise: o distrito de Santa Rita. A inclusão ocorreu a partir do acompanhamento de uma das participantes da pesquisa, cuja rotina cotidiana está diretamente vinculada a esse distrito. Diferentes aspectos de sua vida diária, incluindo práticas, relações sociais e deslocamentos, constituem mediações relevantes para sua relação com a televisão. Assim, embora Santa Rita não estivesse entre os territórios inicialmente selecionados, sua inclusão tornou-se pertinente diante das particularidades identificadas durante o trabalho de campo e da própria perspectiva da pesquisa, que compreende o consumo televisivo em articulação com as mediações e os territórios que constituem o cotidiano dos sujeitos.

O processo metodológico foi registrado em um caderno de campo, no qual foram descritas as impressões decorrentes das visitas e aprofundadas as observações obtidas por meio das conversas com os participantes. As famílias visitadas residem nos distritos de Cachoeira do Campo e Santo Antônio do Salto. E as discussões colocadas aqui levaram à ampliação do campo empírico para o distrito de Santa Rita, mais especificamente para o subdistrito de Canavial. A inclusão desse terceiro distrito não teve como objetivo ampliar o

universo de estudo da pesquisa, mas de oferecer elementos que auxiliassem na compreensão de território, mediações e práticas comunicacionais do indivíduo participante da pesquisa, o que contribuiu para a compreensão dos dados obtidos nos outros distritos.

As visitas foram agendadas previamente com as famílias e precedidas pelo preenchimento de um formulário, elaborado com o objetivo de fornecer informações iniciais sobre os hábitos de consumo midiático, a composição familiar e aspectos do cotidiano dos participantes. Posteriormente, foi realizada uma entrevista semiestruturada, que possibilitou compreender a dinâmica familiar, conhecer os moradores da residência e aprofundar questões relevantes para a pesquisa. Após essa etapa inicial e o reconhecimento do ambiente que seria observado, tiveram início as visitas de acompanhamento, distribuídas de acordo com a disponibilidade e a rotina de cada família. As observações dos momentos de interação foram realizadas em dois períodos distintos: nos dias 5, 6 e 7 de junho de 2026, com a família de Margarete Aparecida, e nos dias 19, 20 e 21 de junho de 2026, com a família de Marcelo.

No caso de Margarete, a observação assumiu um caráter imersivo, sendo realizada durante três dias consecutivos, período em que a pesquisadora permaneceu na residência de seus pais, localizada no subdistrito de Canavial. Já com Marcelo, em razão da incompatibilidade entre as rotinas da pesquisadora e do participante, a observação foi realizada em três dias distintos, sempre no mesmo período do dia, de modo a acompanhar uma prática cotidiana específica da família.

Embora a pesquisa acompanhe o cotidiano das famílias, o foco da observação recai sobre um participante de cada núcleo familiar, selecionado por seu envolvimento mais ativo com o consumo televisivo. Assim, em Santo Antônio do Salto, o participante acompanhado foi Marcelo, enquanto em Cachoeira do Campo, com extensão das observações ao subdistrito de Canavial (Santa Rita), a participante foi Margarete. Ambos apresentam perfis, rotinas e trajetórias distintas, o que permitiu compreender como diferentes contextos sociais e familiares influenciam os modos de apropriação e de uso da televisão.

4. O USO DA TELEVISÃO: OBSERVAÇÕES A PARTIR DAS VISITAS AOS DISTRITOS

Percebi logo nos primeiros contatos que entrar na casa de alguém para assistir televisão junto da família, fazendo anotações sobre hábitos tão cotidianos, exigia ultrapassar uma barreira delicada: a intimidade. O lazer doméstico é silenciosamente protegido (Diário de Campo)

Como foi previamente discutido nos capítulos anteriores, para Barbero (1997), a recepção televisiva é atravessada pelas práticas cotidianas, pela temporalidade social e pela competência cultural dos sujeitos. Assim, compreender como o contexto local influencia os modos de consumo televisivo é fundamental para analisar o papel da mídia na vida cotidiana dos distritos selecionados. Para isso, parte da metodologia dialoga com o estudo de Lourdes Ana Pereira Silva (2012), que utiliza o acompanhamento de rotinas familiares como forma de observar, em profundidade, a relação entre melodrama televisivo e construção de identidades culturais. De forma adaptada, esta pesquisa acompanha famílias de distritos pré-selecionados de Ouro Preto, município localizado na região central de Minas Gerais, buscando identificar como elas interagem com a programação televisiva. Serão observados rituais de consumo, preferências de programas e dinâmicas de socialização mediadas pela TV, com foco em elementos simbólicos e afetivos, tais como lembranças, vínculos emocionais e repertórios compartilhados.

4.1 A casa, o território e a televisão

Representando o distrito de Cachoeira do Campo, acompanhei Margarete, de 42 anos, moradora da região há mais de uma década. Sua relação com a televisão, entretanto, não está restrita ao contexto urbanizado do distrito. Embora reconheça as diferenças existentes entre os espaços que frequenta, Margarete mantém o consumo televisivo como parte significativa de seu cotidiano. Durante a semana, ela acompanha diariamente os pais idosos na localidade de Canavial, que fica no subdistrito de Santa Rita. Margarete vem de uma família numerosa, tem mais dez irmãos. Essa configuração familiar influencia diretamente a dinâmica de

cuidados com os pais: enquanto Margarete permanece com eles ao longo da semana, os demais irmãos se revezam aos fins de semana para prestar assistência e companhia.

Sua rotina, portanto, é marcada pela circulação constante entre dois territórios distintos. Em Cachoeira do Campo, vivencia um cotidiano mais conectado às dinâmicas urbanas. Já em Canavial, insere-se em um contexto predominantemente rural, atravessado por outras temporalidades, formas de sociabilidade e demandas cotidianas. Margarete destaca, em diversos momentos da conversa, que esses ambientes produzem experiências diferentes, influenciando seus hábitos de consumo midiático.

A televisão assume papéis distintos nos dois lares. Embora a observação, de fato, de Margarete não tenha sido realizada em sua residência, ela relata que, em Cachoeira do Campo, o consumo televisivo é constantemente atravessado pelo uso do celular e pelos afazeres domésticos, fatores que frequentemente reduzem sua atenção ao conteúdo exibido. Na casa onde vive com o marido, a televisão ocupa uma posição central na sala, cercada por um sofá de aproximadamente quatro lugares. Apesar de o casal compartilhar esse espaço, o aparelho não desempenha papel de destaque no entretenimento cotidiano. Embora seja uma *Smart TV* com acesso a plataformas de *streaming*.

Por outro lado, no subdistrito de Canavial, a televisão constitui um espaço de maior centralidade, ao entrar na casa dos pais de Margarete, percebi que a televisão não estava localizada na sala de entrada, mas na sala onde a vida cotidiana parecia efetivamente acontecer. Enquanto o primeiro ambiente era organizado para receber visitantes, sem a presença do aparelho, a segunda sala reunia três sofás, uma poltrona e uma mesa com cadeiras, todos dispostos em torno da televisão. A quantidade de assentos disponíveis me levou a interpretar aquele espaço como um lugar de encontro familiar, sugerindo que a convivência cotidiana se organiza, em grande medida, ao redor do aparelho. Outro aspecto que reforçou essa percepção foi a presença de uma antiga antena parabólica ainda instalada na entrada da casa. Embora não tivesse mais qualquer tipo de uso e a residência sequer contasse com acesso *wifi*, sua permanência simbolizava a trajetória do consumo televisivo naquele lar.

Essa configuração contrasta com a casa de Margarete, em Cachoeira do Campo. Assim, embora a televisão permaneça fisicamente em destaque nos dois lares, ela assume funções distintas: na casa dos pais, percebi indícios de que o aparelho continua articulando momentos de convivência familiar, enquanto, na residência de Margarete, divide a atenção com outras tecnologias e com a dinâmica da rotina doméstica.

Entre os fatores apontados por Margarete que mediam a forma como ela consome televisão na casa dos pais estão também os afazeres domésticos, as demandas pessoais e as atividades características do meio rural, frequentemente associadas a tarefas mais braçais e a uma rotina organizada por outras prioridades. Ainda assim, apesar dessas particularidades e das diferenças entre os contextos vivenciados, a televisão permanece presente em seu dia a dia. Sua experiência evidencia que o meio televisivo continua ocupando um espaço relevante nas práticas cotidianas da família, adaptando-se às condições e aos ritmos de cada território, sem deixar de constituir uma referência importante de informação, entretenimento e companhia.

Em Santo Antônio do Salto, por outro lado, a visita foi realizada na residência de Marcelo José de Souza, técnico em mecânica industrial, de 49 anos, morador do distrito desde o nascimento e irmão da mãe desta pesquisadora. A dinâmica do consumo televisivo em sua casa apresenta características distintas das observadas na residência de Margarete.

A casa possui dois aparelhos de televisão, um localizado na sala de estar e outro no quarto do casal. O quarto encontra-se ao lado da cozinha, enquanto a sala mantém comunicação visual direta com esse ambiente, permitindo que os moradores acompanhem a programação mesmo durante a realização de atividades domésticas.

A distribuição dos assentos também revela uma dinâmica particular de convivência. Na sala há apenas um sofá com aproximadamente cinco lugares e a família possui cinco integrantes. Em contrapartida, a maior concentração de lugares destinados à permanência dos moradores encontra-se na área de serviço e na área de lazer, composta por churrasqueira e piscina. Essa configuração sugere que uma parcela significativa da sociabilidade familiar ocorre nesses espaços, para além da sala de televisão. Na área de churrasco pude observar um terceiro aparelho de televisão que até o momento da visita, não estava em funcionamento. A presença desse equipamento sugere uma possível ampliação dos espaços de consumo televisivo da residência, deslocando parte dessa prática para um ambiente tradicionalmente associado ao convívio social e ao lazer familiar.

Nos dois distritos visitados, entretanto, observou-se uma dinâmica semelhante de recepção aos visitantes. Em ambos os casos, a entrada na residência ocorreu pela sala, seguida pelo oferecimento de um café e de uma longa “prosa” que antecedeu a atividade de pesquisa. Essa acolhida promoveu uma integração gradual à rotina doméstica e confere ao pesquisador um lugar que ultrapassa os limites formais do trabalho de campo, aproximando-o da intimidade familiar. Dessa forma, durante os momentos de observação do consumo televisivo, minha presença não era percebida apenas como a de uma pesquisadora munida de

um caderno de anotações. Eu passei a ocupar, ainda que temporariamente, a posição de integrante daquele núcleo, alguém que compartilhava conversas, silêncios e práticas cotidianas, enquanto registrava as experiências observadas.

Durante o trabalho de campo, foi possível observar que a sala de televisão também se constitui como um desses lugares de encontro, reunindo familiares em torno de uma experiência compartilhada. Nesse sentido, a televisão não aparece como um elemento isolado dentro da residência, mas como parte de uma rede de sociabilidades já existente. Sua presença articula conversas, encontros e momentos de permanência coletiva, integrando-se às formas de convivência construídas historicamente naquele território.

Outro aspecto relevante para compreender o cotidiano de Marcelo é a configuração do terreno em que sua residência está localizada. Em Santo Antônio do Salto, não é incomum que diferentes núcleos de uma mesma família ocupem terrenos próximos ou compartilhem uma mesma propriedade. No caso observado, a casa de Marcelo está situada ao lado das antigas residências de sua mãe e de sua irmã, formando um conjunto habitacional familiar que favorecia a convivência cotidiana entre gerações.

A organização espacial do terreno evidencia que as relações familiares extrapolavam os limites da residência individual. A proximidade física entre as moradias permitia encontros frequentes, circulação constante entre os espaços e formas de sociabilidade que não dependiam exclusivamente dos ambientes internos das casas. Nesse contexto, a vida cotidiana era atravessada por uma dinâmica comunitária construída a partir da própria ocupação do território.

FIGURA 12- Configuração do terreno da casa de Marcelo

Fonte: Laira Ferreira

A observação desse espaço também mobilizou memórias pessoais da pesquisadora. A residência fica localizada ao lado da casa de Marcelo, pertencente à sua irmã (minha mãe) e foi o local onde passei os primeiros seis anos da infância. Tanto minhas lembranças quanto os relatos familiares apontam para a existência de uma porteira que funcionava como importante ponto de encontro entre os moradores. Mais do que um elemento físico de delimitação do terreno, a porteira constituía um espaço de convivência, conversa e observação da vida cotidiana, revelando como determinados lugares podem adquirir significados sociais que ultrapassam suas funções práticas.

Os relatos familiares e as memórias associadas ao local indicam que a porteira ocupava papel relevante nessas interações, funcionando como ponto de encontro, observação e conversa entre os moradores. Embora as dinâmicas sociais tenham se transformado ao longo do tempo, a centralidade de determinados espaços de convivência permanece presente.

Embora os dois campos apresentem características distintas e as famílias possuam configurações próprias, a televisão desempenha funções semelhantes em ambos os contextos, atuando como elemento de integração, lazer e organização da rotina doméstica. Ainda que as mediações sejam atravessadas pelas especificidades territoriais de cada localidade, seja na

experiência de circulação entre os meios urbano e rural vivenciada por Margarete, seja nos momentos de descanso após a jornada de trabalho de Marcelo, a televisão revela-se muito mais do que um simples equipamento tecnológico inserido no espaço doméstico. Mesmo diante de diferentes programações, rotinas e formas de consumo, ela se mantém como um elemento capaz de adaptar-se às dinâmicas familiares, acompanhando os ritmos, as necessidades e as formas de convivência de cada núcleo observado.

As duas famílias visitadas apresentam características que interferem diretamente em suas formas de consumir televisão. Enquanto Margarete constrói sua rotina a partir do trânsito entre dois territórios, a casa onde vive com o marido, em Cachoeira do Campo, e a casa de seus pais, em Santa Rita, desempenhando diferentes papéis sociais e estabelecendo diferentes formas de sociabilidade em cada um desses espaços, Marcelo permaneceu ao longo de toda a vida no mesmo território. Essa diferença faz com que Margarete estabeleça diferentes relações com a televisão conforme o contexto em que está inserida.

Embora as rotinas de Margarete e Marcelo apresentem semelhanças no que diz respeito ao trabalho e aos afazeres cotidianos, suas configurações familiares produzem experiências distintas de consumo televisivo. Marcelo é casado e pai de três filhos, que visitam a casa com frequência e alteram a dinâmica de uso da televisão na casa. Margarete, por sua vez, é casada e não possui filhos, compartilhando o cotidiano com o marido e com os pais, quando em Canavial, o que resulta em uma relação diferente com o aparelho.

As diferenças também se manifestam na organização dos espaços domésticos. A residência dos pais de Margarete, em Santa Rita, possui áreas internas e externas mais amplas, característica recorrente nas casas do distrito. Já a casa onde vive atualmente, em Cachoeira do Campo, apresenta ambientes internos menores e não é cercada por áreas verdes. Essas características evidenciam formas distintas de apropriação do espaço doméstico e podem influenciar as práticas cotidianas, incluindo o consumo televisivo. Além disso, seu cotidiano é atravessado pelas atividades que ainda desempenha como manicure e pedicure em Cachoeira do Campo e pelo trabalho de cuidado realizado em Santa Rita, pelo qual é remunerada. Essas especificidades demonstram que o território não constitui apenas um pano de fundo para a recepção televisiva, mas participa ativamente da organização das práticas cotidianas e dos modos de consumo.

Além disso, a observação das residências permite relativizar estereótipos frequentemente associados ao meio rural. As três casas apresentam organização espacial, mobiliário e presença de tecnologias que se aproximam de residências urbanas de classe média, distanciando-se da imagem tradicionalmente atribuída às moradias rurais. Essa

constatação reforça que compreender o consumo televisivo nesses contextos exige olhar menos para as classificações entre rural e urbano e mais para as relações sociais, familiares e territoriais que estruturam o cotidiano de cada família.

4.2 A televisão como organizadora da temporalidade das residências

Ela (a televisão) volta a aparecer na rotina da família por volta das 17 horas. Era dia de jogo. Em ano de Copa do Mundo, a Seleção Brasileira entraria em campo. Os preparativos para a partida já podiam ser percebidos nas conversas. Era comum ouvir comentários como: “A cerveja que está ali dá?” e “Mais tarde vamos assar a carne que está ali” (Diário de campo)

Na casa dos pais de Margarete, a influência da televisão sobre a organização do tempo foi observada durante os três dias de visita, sempre no horário das 17 horas alguém menciona que vai tomar banho e ligar a televisão. Quando observamos a programação nesse período, está iniciando alguma telenovela, a televisão mesmo desligada, participa daquele espaço. A televisão ocupava muito claramente uma janela de tempo entre 17 horas e 22 horas na casa, no entanto, por volta das 16 horas começa o preparativo para fazer o jantar. O costume de preparar o jantar cedo, é algo comum nos dois distritos visitados, no entanto, na residência, ela permeia também uma temporalidade desenvolvida ao entorno da televisão, uma das finalidades de preparar o jantar cedo é para que no horário da novela, o tempo estivesse livre. No segundo dia de visita à residência da família, houve o jogo do Brasil, esse fato alterou a dinâmica da família em relação à programação da TV. Enquanto, durante a semana, havia uma organização no entorno de toda a programação, no dia de jogo, a programação que viesse antes ou depois do grande momento pouco importava. O cronômetro era certo: por cerca de duas horas, a televisão assumiria o protagonismo ali.

Já na casa de Marcelo, a televisão organiza a temporalidade doméstica em dois momentos distintos. O primeiro ocorre pela manhã, por volta das 6h30, quando o aparelho do quarto do casal é ligado para acompanhar a transmissão do terço no canal rede vida. Enquanto se arruma para o trabalho e prepara o café da manhã, Marcelo acompanha

diariamente a programação religiosa em um ritual que dura cerca de trinta minutos. Após esse momento, a televisão é desligada e tanto ele quanto sua esposa seguem para suas atividades profissionais.

O segundo momento acontece após o expediente. Por volta das 18h30, quando retorna para casa, Marcelo volta a ligar a televisão. Nesse período, o aparelho acompanha a realização de tarefas domésticas, como preparar o jantar e organizar a casa. Somente após a conclusão dessas atividades o casal se dirige à sala para assistir à novela, momento em que a atenção passa a ser direcionada majoritariamente para a programação televisiva.

Embora o acompanhamento do primeiro dia também tenha ocorrido durante um dia de jogo da Seleção Brasileira, já na Copa do Mundo, a relação da família com esse evento mostrou-se bastante diferente daquela observada na casa de Margarete. Enquanto na outra residência os preparativos para a partida mobilizavam conversas, organização da rotina e expectativas ao longo do dia, na casa de Marcelo o jogo não ocupou papel semelhante. Ao retornar do trabalho, ele seguiu o mesmo percurso habitual: tomou banho, realizou suas atividades rotineiras e repousou no sofá. Apesar da intenção de assistir à partida, marcada para às 21h30, o cansaço acumulado da semana de trabalho fez com que ele e a esposa adormecessem antes do início da transmissão. Além do cansaço acumulado após a jornada de trabalho, outro aspecto ajuda a compreender essa diferença: Marcelo demonstrou maior interesse especialmente pelas novelas, que ocupavam lugar central em seus hábitos de consumo televisivo. Dessa forma, mesmo diante de um evento de grande apelo nacional, a partida não mobilizou a rotina doméstica com a mesma intensidade observada na outra família. A observação realizada na residência de Marcelo teve duração aproximada de uma hora. Em algumas ocasiões, o cansaço fazia com que ele adormecesse antes do término da novela. Nesses momentos, buscando preservar o vínculo estabelecido e respeitar o espaço e a rotina do participante, a pesquisadora interpretava esses sinais como o encerramento natural da visita.

A situação evidencia que a relevância de determinados conteúdos televisivos não é compartilhada de maneira homogênea pelos espectadores. Embora o jogo da Seleção Brasileira constituísse a mesma programação para ambas as famílias, os significados atribuídos ao evento foram distintos, sendo atravessados por preferências pessoais, rotinas de trabalho e dinâmicas familiares.

Essa observação dialoga com a perspectiva de Barbero (1997) acerca da temporalidade social, compreendida como um dos elementos que organizam a vida cotidiana. Nas famílias observadas, a televisão não aparece apenas como um meio de entretenimento,

mas como uma referência capaz de estruturar horários, atividades e momentos de convivência. Ainda que as demandas do trabalho e dos afazeres domésticos interferissem diretamente na rotina dos moradores, havia uma expectativa compartilhada em relação a determinados programas, especialmente a novela exibida no período noturno. Além de conhecer o horário da programação, os participantes incorporavam esse momento à organização de seu cotidiano, ajustando tarefas e compromissos de modo a preservar aquele espaço de lazer. Dessa forma, a temporalidade televisiva se articulava às temporalidades do trabalho, da família e da vida doméstica, revelando um processo contínuo de negociação entre as exigências cotidianas e os hábitos de consumo midiático.

4.3 A televisão como espaço de encontro e convivência familiar

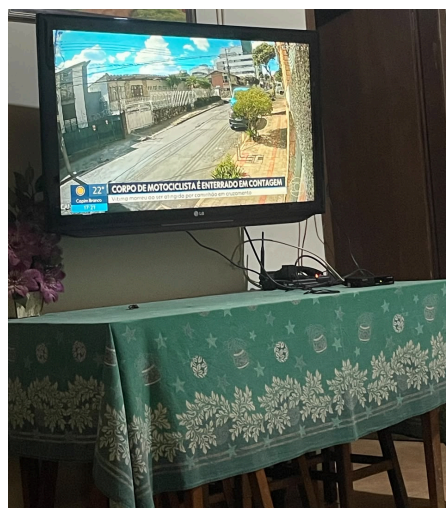
Por volta das 19 horas, todos já estavam distribuídos pelos assentos da sala de televisão. Até então, não havia celulares em uso naquele espaço, apenas conversas entre os presentes (Diário de Campo)

Na casa dos pais de Margarete foi possível observar a forma como a organização da casa é viva e pensada para conversar com a rotina da casa. Indiretamente, o aparelho de televisão também organizava o convívio daquela família. A televisão da casa estava localizada na sala secundária, e não na sala de visitas. Esse detalhe, aparentemente simples, revelou muito sobre a organização simbólica daquele ambiente. A primeira sala, acessada logo pela entrada principal, parecia destinada ao acolhimento formal das visitas. Havia dois sofás menores, mesas laterais e diversas imagens religiosas distribuídas cuidadosamente pelo espaço: santos católicos, quadros de Jesus Cristo e um relógio decorado com a representação da Santa Ceia. Era um ambiente silencioso, organizado e quase cerimonial. Nele, não havia televisão.

A segunda sala, no entanto, possuía outra dinâmica. Era ali que a vida cotidiana parecia efetivamente acontecer. O espaço contava com três sofás maiores, uma poltrona e uma mesa cercada por cadeiras. A televisão ocupava posição central naquele ambiente e a disposição dos móveis acompanhava a rotina que se passava ali. A família é grande e os filhos visitam os pais com frequência, por isso a quantidade de assentos disponíveis naquela sala revelou que havia mais lugares destinados ao encontro diante da televisão do que até

mesmo na cozinha. Com base nessa disposição foi possível observar que boa parte da convivência familiar se organizava ao redor daquele aparelho ao longo dos dias de visita. A televisão na residência funciona como ponto de reunião, permanência e compartilhamento cotidiano dentro da casa. A televisão estava sobreposta a uma mesa, como mostra a figura abaixo.

FIGURA 13 - Televisão da casa dos pais de Margarete



Fonte: Laira Ferreira

Dentre os distritos visitados, essa configuração não era uma particularidade da casa de Margarete. A disposição dos cômodos e as dinâmicas de recepção de visitantes eram semelhantes em todas as residências que visitei. Em todas elas fui recebida pela porta da sala no primeiro dia; em todas conheci a sala de televisão ou a sala de visitas antes da cozinha; e, em todas, a televisão ocupava uma posição central no ambiente destinado à convivência familiar.

No segundo dia na casa dos pais de Margarete, vivenciei a experiência que mais se aproximou da realidade rural entre todas as observações realizadas. Foi nesse contexto que pude compreender de forma mais evidente a relação da participante com o território, para além do espaço físico onde a residência está localizada. Como destaca Barbosa (2015), "para além do trabalhar e do habitar, o território é abrigo para as cristalizações de símbolos, de memórias e de valores que encarnam o sentido da cultura". Em Santa Rita, embora a rotina de Margarete também seja marcada por diferentes formas de trabalho e cuidado, observei que sua relação com o lugar extrapola as atividades cotidianas. O território é constituído por vínculos familiares, memórias e formas de sociabilidade que conferem sentidos distintos à experiência de habitar de Margarete.

Essa diferença também se manifesta na relação com a televisão. Em Cachoeira do Campo, a rotina de Margarete acompanha um ritmo mais urbanizado, no qual a televisão, apesar de ocupar posição de destaque na sala, divide constantemente a atenção com o celular e outras atividades do cotidiano. Já na casa de seus pais, em Santa Rita, mesmo com os afazeres domésticos e as demandas do dia a dia, a televisão permanece integrada à rotina familiar, funcionando como uma presença constante no ambiente e acompanhando os momentos de convivência. Mais do que a presença do aparelho em si, o que se modifica é o contexto social e territorial em que seu consumo acontece.

A propriedade é marcada pela forte presença da agricultura familiar. No amplo espaço ao redor da casa, é possível observar extensas áreas de cultivo. Entre as plantações mais próximas da residência estavam pés de milho, tangerina e laranja, além de uma horta com cebolinha, alface e outros alimentos. Durante o sábado, os filhos se reuniram para colher o milho já seco. Os pais não participaram diretamente da atividade, mas permaneceram presentes durante todo o processo. Cerca de cinco horas depois, a colheita foi concluída e o grupo retornou para armazenar o milho em um espaço destinado a esse fim.

Antes do armazenamento, porém, era necessário separar os milhos em boas e más condições. Esse foi o único momento de socialização familiar, ao longo dos três dias de observação, em que a televisão não esteve fisicamente presente no espaço compartilhado. Ainda assim, o meio televisivo permaneceu integrado às interações. Durante a atividade, surgiram comparações com atores, comentários sobre programas e conversas relacionadas à transmissão da partida do jogo do Brasil que seria exibida mais tarde: “Fulano tá aí só por patrocínio”; “Será que vai ser igual o último?”; “Contra o Egito tem que ser de goleada”; “O time reserva joga melhor que o titular”.

A própria organização da rotina familiar demonstrava a importância desse compromisso televisivo: todos se preparavam para estar diante da televisão às 19 horas para assistir ao jogo, enquanto, gradualmente, os mais jovens eram liberados para tomar banho antes do início da transmissão.

A situação observada reforça a noção de cotidianidade familiar discutida por Barbero (1997), na medida em que a televisão não aparece apenas como uma tecnologia inserida no espaço doméstico, mas como um elemento articulado às práticas ordinárias da vida familiar. Mesmo ausente fisicamente do ambiente onde ocorria a interação, suas narrativas, personagens e programações continuavam presentes nas conversas e na organização das atividades. Nesse sentido, a observação também dialoga com a proposta do autor de deslocar

o olhar dos meios para as mediações. Mais do que a presença material do aparelho, o que se evidencia é a incorporação da televisão às dinâmicas culturais e relacionais da família.

Além disso, a expectativa pela transmissão da partida de futebol demonstra como a televisão participa da organização temporal do cotidiano. O planejamento das tarefas, a definição dos horários e a preparação dos integrantes da família para estarem reunidos diante da tela revelam que a programação televisiva continua funcionando como um marcador temporal relevante. Dessa forma, a televisão não atua apenas como fonte de entretenimento, mas como um elemento que estrutura momentos de convivência e orienta parte da rotina familiar, mesmo em um contexto marcado pelo trabalho agrícola e pelas atividades realizadas fora do ambiente doméstico.

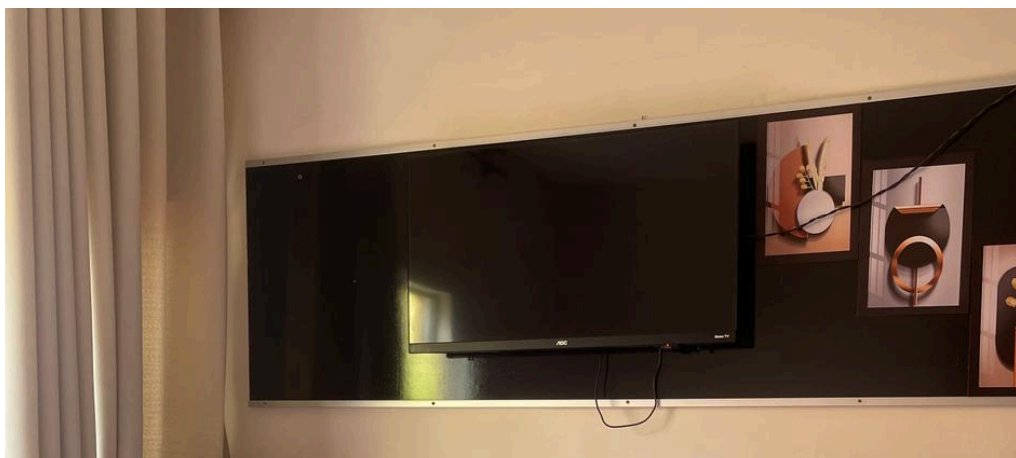
A dinâmica observada na casa de Marcelo demonstra que a centralidade da televisão não depende necessariamente da presença de um grande número de pessoas no ambiente doméstico. Embora a composição familiar seja distinta daquela observada na casa dos pais de Margarete, o aparelho continua ocupando um papel relevante na organização da convivência cotidiana. Nesse contexto, a televisão funciona como um elemento que acompanha os momentos de descanso e lazer do casal, constituindo um espaço compartilhado de permanência e interação.

A observação também evidencia que o consumo televisivo ocorre de forma relacional. Ainda que Marcelo acompanhe a programação com maior atenção, sua esposa participa ativamente do momento, estabelecendo diálogos a partir dos conteúdos exibidos e articulando-os a acontecimentos externos à programação exibida. Dessa forma, a experiência de assistir televisão naquela casa não se reduz à recepção individual das mensagens, mas se integra às práticas cotidianas que já existem.

Assim como observado na casa dos pais de Margarete, a televisão ultrapassa a condição de simples aparelho eletrônico e passa a compor as dinâmicas de sociabilidade familiar. O que se altera não é sua relevância no cotidiano doméstico, mas a forma como suas mediações se manifestam em diferentes arranjos familiares.

O aparelho instalado no quarto, utilizado predominantemente durante as manhãs, desempenha uma função de companhia e acompanha os momentos de permanência no ambiente. Nesse período, seu uso é para o consumo de conteúdos religiosos. Ao longo do restante do dia, entretanto, a televisão permanece no espaço sem ocupar posição central nas atividades realizadas.

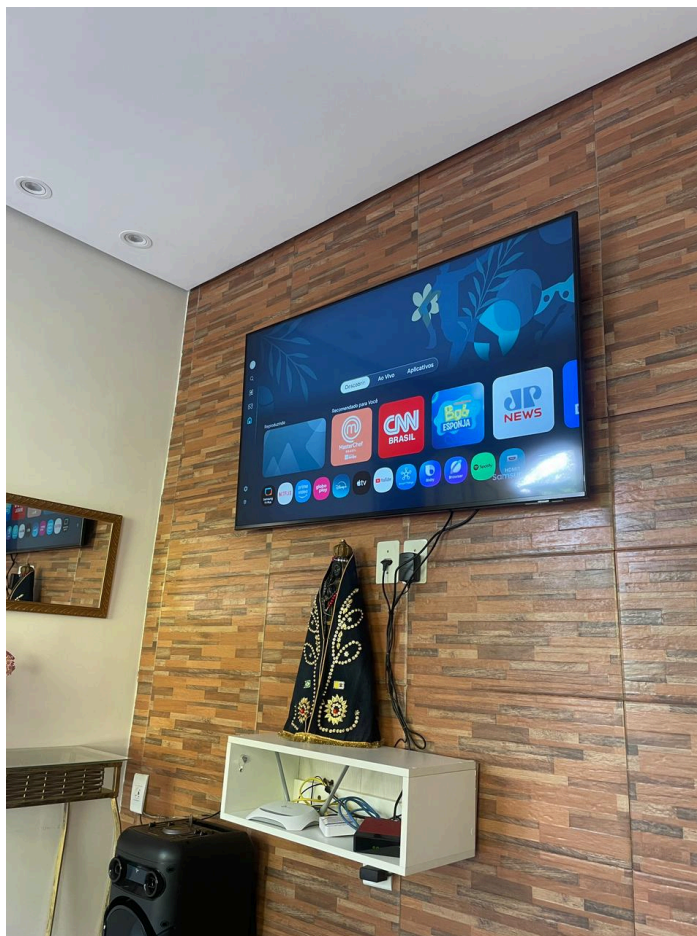
FIGURA 14 - Televisão localizada no quarto do casal



Fonte: Laira Ferreira

Já a televisão localizada na sala assume papel distinto, tornando-se protagonista na organização da rotina doméstica. É diante dela que se concentram os principais momentos de lazer e descanso do casal. Apesar de Marcelo se identificar como um consumidor assíduo de novelas, ele relata que, quando os filhos ainda residiam na casa, a relação deles com a televisão era diferente. Utilizando a expressão “não eram chegados à televisão”, o entrevistado descreve uma dinâmica em que os momentos de socialização familiar ocorriam principalmente na área de serviço e na área de churrasco, espaços que, à época, não possuíam aparelhos televisivos.

FIGURA 15 - Televisão localizada na sala da casa de Marcelo



Fonte: Laira Ferreira

Segundo Marcelo, a maior parte do tempo livre dos filhos adolescentes era dedicada ao uso do celular e das redes sociais. A observação revela, portanto, a coexistência de diferentes formas de consumo midiático dentro do mesmo núcleo familiar. Enquanto a televisão continuava a estruturar parte da rotina e dos momentos de convivência dos pais, os filhos organizavam seu tempo livre em torno de dispositivos móveis e plataformas digitais. Tal configuração mostra transformações nas formas de apropriação dos meios de comunicação entre gerações distintas, sem que isso signifique o desaparecimento da centralidade da televisão para determinados membros da família.

A futura instalação de um aparelho na área de churrasco também sugere um movimento de expansão da presença televisiva para outros espaços da residência, indicando que, mesmo diante da concorrência de novas mídias, a televisão permanece sendo percebida como um elemento capaz de acompanhar e organizar práticas de sociabilidade no ambiente doméstico.

3.4 Entre a televisão e o celular: As novas dinâmicas de consumo

As telas dos celulares, no entanto, acompanharam cada indivíduo até seus respectivos quartos. Diferentemente da televisão, que permanecia em um espaço compartilhado, o uso dos celulares seguiu de forma individual, sem conversas ou comentários coletivos (Diário de Campo)

Na residência de Margarete, durante o segundo dia de observação, a chegada dos sobrinhos alterou significativamente a dinâmica do consumo midiático. A partir desse momento, os celulares passaram a integrar, direta e indiretamente, a rotina de todos os presentes. Pelos corredores da casa era possível ouvir, repetidamente, trechos de músicas em alta nas redes sociais, especialmente no TikTok, cujos vídeos, muitas vezes, sequer eram assistidos até o final antes de serem substituídos por novos conteúdos.

Entre os mais jovens, com idades entre 13 e 17 anos, a relação com a televisão mostrou-se bastante distinta daquela observada entre os adultos. Embora o aparelho permanecesse ligado e continuasse organizando a rotina da casa, para eles a televisão assumia predominantemente a função de plano de fundo. A atenção estava concentrada no celular, presente durante praticamente todo o dia, seja para assistir a vídeos, ouvir músicas ou trocar mensagens. No entanto, os momentos de maior imersão no dispositivo ocorriam, em geral, de forma individualizada, principalmente no quarto, revelando uma experiência de consumo mais privada e personalizada. Tal relação dialoga com a compreensão de Barbero (1997) de que os meios adquirem diferentes sentidos a partir das práticas cotidianas que organizam a vida social, de modo que a televisão permanece presente no ambiente doméstico, mas é apropriada de maneira diferente por cada geração ali presente.

Essa mudança evidencia uma transformação importante nas formas de sociabilidade mediadas pela tecnologia. Se, durante décadas, a televisão constituiu um dispositivo capaz de reunir os moradores em torno de uma mesma programação, promovendo uma experiência coletiva de consumo, o smartphone opera segundo outra lógica. Ao mesmo tempo em que acompanha seus usuários em qualquer ambiente da casa, ele tende a fragmentar a atenção compartilhada, aproximando virtualmente indivíduos que estão distantes e, por vezes, afastando aqueles que ocupam o mesmo espaço físico. Diferentemente da televisão, cuja comunicação é predominantemente unidirecional, o celular possibilita uma interação contínua

e recíproca, na qual os interlocutores participam ativamente da circulação das informações em tempo real, redefinindo as formas de comunicação, convivência e consumo midiático no ambiente doméstico.

Os mais jovens também participavam das tarefas cotidianas da casa, porém de maneira distinta da observada entre as gerações anteriores. Durante a realização dessas atividades, era comum utilizarem fones de ouvido enquanto ouviam músicas, *podcasts* ou assistiam a vídeos pelo celular. Em diferentes momentos, relataram que esse hábito fazia com que as tarefas parecessem passar mais rapidamente, funcionando como uma forma de distração durante as atividades domésticas.

Cabe destacar que, na residência dos pais de Margareth, não havia acesso à internet por meio de rede *Wi-Fi*. Dessa forma, todo o consumo de conteúdos digitais era realizado exclusivamente por meio dos dados móveis de cada morador. Ainda assim, o uso do celular esteve presente ao longo de toda a observação, acompanhando os deslocamentos dos jovens pelos diferentes cômodos da casa e sendo incorporado às atividades desenvolvidas durante o dia. Enquanto a televisão seguia fixa em um espaço compartilhado, mostrando diferentes formas dos meios sendo inseridos na rotina familiar.

Na residência de Marcelo, embora não tenha sido possível observar diretamente diferenças geracionais, os relatos do morador indicam que a relação dos filhos com o celular seguia uma dinâmica semelhante à observada na casa de Margarete. Segundo ele, os filhos utilizavam o aparelho predominantemente de forma individual, permanecendo, na maior parte do tempo, em seus quartos. Entretanto, esses momentos não puderam ser acompanhados durante o período de observação.

Apesar de o uso mais intenso do celular ter sido identificado entre os moradores mais jovens nas duas residências observadas, seu consumo não se restringia a essa geração. Entre os adultos, o aparelho também esteve presente ao longo da rotina, porém de forma distinta. Diferentemente do uso mais individualizado observado entre os adolescentes, o celular frequentemente era incorporado aos momentos de convivência da família diante da televisão. Nessas ocasiões, era comum que conteúdos acessados pelo aparelho fossem compartilhados entre os presentes, tornando-se assunto das conversas ou complementando o que era assistido na televisão. Assim, em vez de disputar continuamente a atenção com a televisão, o celular, em diversos momentos, passou a integrar a experiência coletiva de consumo midiático.

As observações realizadas nas duas residências evidenciam que diferentes características do território influenciam as formas de consumo da televisão e do celular. Na casa dos pais de Margarete, por exemplo, a instabilidade do sinal de internet móvel

interrompia o acesso aos conteúdos digitais pelo celular. Além disso, a ampla área externa da residência favorecia a realização de atividades ao ar livre e o contato constante entre os moradores, fazendo com que parte significativa da rotina se desenvolvesse para além dos espaços internos da casa.

Embora ambas as residências estejam localizadas em distritos de características predominantemente rurais, as dinâmicas cotidianas apresentavam diferenças importantes. Na casa de Marcelo, era comum que momentos de convivência e comemorações familiares acontecessem na área de churrasco ou na área de serviço da casa, espaço destinado principalmente ao encontro entre parentes e amigos. Já na residência de Margarete, grande parte da rotina era organizada em torno de atividades como o plantio, a colheita e o cuidado com os alimentos, fazendo com que os momentos coletivos estivessem frequentemente associados ao trabalho compartilhado. A partir da perspectiva de Santos (2000), essas diferenças indicam que o território não se resume à localização geográfica, mas envolve os usos, as relações e as práticas cotidianas que produzem formas distintas de viver e ocupar o espaço.

Essas diferenças demonstram que, ainda que os dois distritos sejam frequentemente classificados sob uma mesma categoria rural em relação à sede de Ouro Preto, os usos do espaço e as práticas cotidianas produzem territórios distintos. Consequentemente, também se diferenciam as formas pelas quais a televisão, o celular e os demais meios de comunicação são incorporados ao cotidiano dos moradores.

4.5 A recepção de forma ativa: Interpretações e críticas da programação e do meio

Ao comentarem sobre uma recente distribuição de antenas digitais realizada no município de Ouro Preto, os integrantes da família iniciaram uma discussão sobre os possíveis objetivos da iniciativa. A ação não foi percebida como um gesto puramente benéfico. Entre hipóteses relacionadas a interesses econômicos e políticos, a que mais chamou minha atenção foi a associação feita entre a distribuição das antenas e o período eleitoral (Diário de Campo)

Nas duas residências, a televisão ocupa um lugar central na rotina familiar. Sua programação organiza parte das práticas cotidianas, influencia as formas de interação entre os moradores e contribui para a construção de repertórios compartilhados. Embora esta pesquisa compreenda a televisão como um dispositivo que participa do cotidiano das famílias de maneira quase tão constante quanto um integrante da casa, essa presença nem sempre é percebida conscientemente pelos próprios moradores. No entanto, em alguns momentos, a televisão foi compreendida para além de sua função de entretenimento e informação, sendo caracterizada indiretamente na casa de Margarete como um aparelho capaz de influenciar comportamentos, opiniões e, inclusive, interesses políticos.

Em determinado momento da observação, a conversa entre os moradores voltou-se para a distribuição gratuita de kits para recepção do sinal de TV digital realizada no município de Ouro Preto. Ao comentarem a iniciativa, passaram a levantar diferentes hipóteses sobre as motivações da ação. Um dos participantes sugeriu que a distribuição estaria relacionada ao fato de o equipamento permitir o acesso a apenas um canal de televisão e ao contexto de proximidade das eleições. A partir desse episódio, a discussão extrapolou a política pública em si e passou a abordar a capacidade da televisão de influenciar comportamentos, opiniões e interesses políticos.

Essa percepção aproxima-se da perspectiva de Barbero (1997), para quem a recepção não se restringe ao ato de assistir, mas envolve processos de interpretação, negociação e produção de sentidos. A discussão observada em torno da distribuição de antenas digitais no município de Ouro Preto ilustra esse processo. Ainda que a iniciativa tivesse como objetivo ampliar o acesso ao sinal de televisão, os moradores passaram a atribuir-lhe outros significados, relacionando-a a interesses políticos e eleitorais. Assim, a cena evidencia que as ações relacionadas ao meio televisivo são constantemente reinterpretadas à luz dos repertórios, experiências e vivências cotidianas dos sujeitos, reafirmando o caráter ativo da recepção.

Quando os moradores afirmam que a televisão é um aparelho capaz de influenciar comportamentos e opiniões, é importante lembrar que o objetivo da análise não é verificar se essa influência de fato ocorre ou se o objetivo da distribuição de antenas teria sido de fato o mencionado por eles. Na perspectiva de Barbero (1997), o aspecto central não está nos efeitos produzidos pelo meio de comunicação, mas nas interpretações que os sujeitos constroem sobre ele. Assim, não buscamos demonstrar uma suposta manipulação exercida pela televisão, a cena observada evidencia que os moradores elaboram leituras críticas acerca do meio, atribuindo-lhe sentidos a partir de seus repertórios, experiências e vivências cotidianas.

Essa compreensão reforça a concepção de uma recepção ativa, na qual os sujeitos negociam e ressignificam os discursos midiáticos, afastando-se de uma perspectiva que compreende a audiência como mera receptora passiva dos conteúdos televisivos.

Além disso, a cena reforça que a recepção televisiva não se esgota no momento da exibição dos conteúdos, mas continua nas interpretações, questionamentos e negociações de sentido produzidas pelos espectadores. Assim, a televisão deixa de ser compreendida apenas como um veículo de transmissão de mensagens e passa a ser entendida como um elemento cuja significação é continuamente construída nas práticas cotidianas, conforme propõe Barbero (1997).

4.6 Santo Antônio do Salto: memória, usina e mediações da televisão

No distrito de Santo Antônio do Salto, compreender o atual consumo de televisão e de outras mídias requer, antes, compreender a história da comunicação local. Embora tenha sido oficialmente instituído como distrito apenas em 1992, por meio da Lei Municipal nº 78/92, a localidade carrega marcas evidentes da desigualdade no acesso às tecnologias de comunicação.

Se a televisão chegou ao Brasil na década de 1950, os relatos orais dos moradores de Santo Antônio do Salto indicam que sua chegada ao distrito ocorreu apenas entre cinco e dez anos depois. Ainda que não existam registros documentais que permitam precisar esse período, as memórias compartilhadas pela comunidade convergem ao evidenciar as dificuldades enfrentadas para o acesso ao aparelho e ao sinal televisivo. Nesse sentido, os saberes populares constituem importantes fontes para compreender a trajetória da televisão no distrito e os impactos desse acesso tardio na formação das práticas de consumo midiático.

A história do distrito e de seu desenvolvimento tecnológico está diretamente relacionada à instalação da usina hidrelétrica localizada na comunidade. De acordo com a Prefeitura Municipal de Ouro Preto (2010), Santo Antônio do Salto foi o primeiro distrito do município a receber energia elétrica. A implantação da usina representou uma perspectiva de desenvolvimento econômico e de modernização para a localidade, sobretudo pela geração de empregos e pela melhoria das condições de acesso. Entretanto, esse avanço não se refletiu de maneira uniforme em outros aspectos da infraestrutura e dos serviços públicos. Apesar da eletrificação, o distrito permaneceu, por muitos anos, à mercê de investimentos capazes de promover uma efetiva inclusão digital e de políticas públicas que melhorem a qualidade de vida da comunidade.

Atualmente, o complexo hidrelétrico do distrito é composto por três Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs): Salto, Caboclo e Funil. Entre elas, a PCH Salto é a mais antiga e também a de maior capacidade instalada, com potência de 4,24 MW. Localizada no Rio Mainart, pertencente à bacia do Rio Doce, entrou em operação em 1940, consolidando a importância da localidade na geração de energia elétrica para a região (Melquiades, 2017).

Um dos principais marcos dessa transformação foi a construção do canal hidrográfico, que antecedeu a instalação da usina hidrelétrica, sendo iniciado na década de 1930 para atender às necessidades da usina (Coelho, 2022). A criação do canal não marca somente o prometido desenvolvimento para a localidade, ele marca um processo sofrido para a população, foi construído por meio de um trabalho braçal e devido às condições de trabalho, foi o cenário de morte de diversos operários (Coelho, 2022). A Figura 18 apresenta o trecho inicial do canal, localizado na entrada de Santo Antônio do Salto. A estrutura recebe moradores e visitantes que acessam o distrito pelo povoado de Chapada, constituindo um dos primeiros elementos da paisagem local.

FIGURA 16- Canal hidrográfico do distrito de Santo Antônio do Salto



Fonte: Laira Ferreira

Atualmente, o canal constitui um dos elementos mais emblemáticos da paisagem local. Presente logo na entrada do distrito, ele atravessa praticamente toda a comunidade e ultrapassa sua função original de infraestrutura energética. Ao longo das décadas, foi ressignificado pelos moradores, tornando-se parte da memória coletiva e das narrativas sobre

a formação do distrito. Além de seu valor histórico e simbólico, o canal integra um dos principais atrativos turísticos da localidade, especialmente por meio da Passarela do Cânion, conforme apresentado na Figura 17.

FIGURA 17 - Cânion Passarela do Funil



Fonte: Prefeitura Municipal de Ouro Preto

Compreender a história de Santo Antônio do Salto implica compreender o papel desempenhado pela usina hidrelétrica no desenvolvimento da localidade. Mais do que uma infraestrutura destinada à geração de energia elétrica, a usina exerceu, segundo os relatos orais dos moradores, um papel central na configuração daquele território, influenciando sua dinâmica econômica, social e espacial. A construção do canal, a geração de empregos e as transformações na paisagem passaram a integrar a memória coletiva da comunidade e a compor a identidade do distrito.

Embora Santo Antônio do Salto tenha sido uma das primeiras localidades do município de Ouro Preto a receber energia elétrica (Coelho, 2022), esse protagonismo não se traduziu em acesso precoce às tecnologias da comunicação. A chegada da televisão, por exemplo, ocorreu anos após sua difusão em outras regiões do país, evidenciando que a disponibilidade de energia elétrica, por si só, não garantiu a democratização do acesso às tecnologias de informação e comunicação.

Os relatos orais dos moradores ajudam a compreender esse aparente paradoxo. Em conversa realizada com Vicente de Souza Neto, de 74 anos, morador do distrito desde o nascimento e ex-funcionário da usina por aproximadamente duas décadas, foi possível reconstruir parte da trajetória da comunicação na comunidade. Segundo Vicente, durante muitos anos a usina desempenhou um papel que extrapolava sua função de geração de energia, constituindo-se como o principal ponto de circulação de informações do distrito.

Naquele período, o único telefone da comunidade estava instalado na usina. Como a unidade mantinha ligação direta com a fábrica de alumínio localizada no bairro Saramenha, em Ouro Preto, atual ACTECH, as notícias costumavam chegar primeiro à sede da empresa e, posteriormente, eram transmitidas ao distrito por meio desse telefone. Cabia aos trabalhadores da usina disseminar as informações entre os moradores, estabelecendo uma rede de comunicação baseada nas relações comunitárias e na circulação oral das notícias.

Os relatos também revelam que o rádio demorou a se consolidar como meio de comunicação em Santo Antônio do Salto. Embora a Rádio Cultura de Ouro Preto, atual Itatiaia Ouro Preto, tenha iniciado suas atividades em 1974, a população do distrito permaneceu, por um período significativo, sem acesso regular às transmissões. Segundo os moradores, o rádio tornou-se presente na comunidade apenas anos depois da chegada da televisão.

Esse atraso pode ser compreendido, em parte, pelas características geográficas do município. O relevo acidentado de Ouro Preto, marcado por serras e vales, dificulta a propagação do sinal de radiodifusão. Medeiros (2019), ao analisar a recepção da Rádio Itatiaia Ouro Preto, demonstra que as barreiras naturais interferem significativamente na cobertura da emissora. Conforme observa o autor, "o sinal da Rádio Itatiaia Ouro Preto alcançaria 30 km em linha reta se não houvesse interferência do relevo, mas atualmente o sinal em FM funciona apenas na sede do município" (Medeiros, 2019). Dessa forma, a configuração geográfica do espaço contribuiu para restringir o acesso dos moradores do distrito ao rádio, retardando sua incorporação ao cotidiano local.

Desse modo, a trajetória da comunicação em Santo Antônio do Salto distancia-se da sequência tradicionalmente apresentada na história dos meios de comunicação no Brasil. Embora a história dos meios de comunicação no Brasil seja tradicionalmente apresentada a partir da sucessão entre imprensa, rádio, televisão e internet, os relatos orais dos moradores revelam uma dinâmica própria, construída a partir das condições históricas e territoriais do distrito. Desse modo, a trajetória dos meios de comunicação no distrito seguia a seguinte ordem:

COMUNICAÇÃO ORAL → TELEFONE DA USINA (1938) → TELEVISÃO DA
COOPERATIVA (s.d)→ TELEVISÃO NAS RESIDÊNCIAS (s.d)→ RÁDIO (s.d) →
CELULAR (s.d)

Essa configuração evidencia que a incorporação dos meios de comunicação no distrito não ocorreu de forma linear nem mesmo acompanhou o ritmo observado na cidade sede, Ouro preto. Ao contrário, foi condicionada pelas características do território, como aponta Santos (2000) que compreende que a difusão das técnicas ocorre de maneira desigual entre os lugares. Uma vez que, a existência da usina hidrelétrica pioneira na geração de energia entre os distritos ligados a Ouro Preto, não implicou automaticamente a democratização do acesso aos meios de comunicação, evidenciando que a apropriação das tecnologias depende das condições históricas e territoriais de cada localidade.

Pela infraestrutura disponível e pelas formas de sociabilidade construídas pela comunidade, antes da consolidação dos meios de comunicação de massa, a circulação das informações dependia das redes de convivência locais, tendo a usina hidrelétrica como importante ponto de mediação. Posteriormente, a televisão assumiu um caráter coletivo, reunindo moradores em torno de um único aparelho, para somente depois se tornar um equipamento doméstico. O rádio, diferentemente do que ocorreu em grande parte do país, difundiu-se de forma mais tardia, evidenciando que a apropriação das tecnologias da comunicação ocorreu segundo uma lógica própria do distrito baseado no que melhor se encaixava ao cotidiano da população.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar como a televisão é percebida, consumida e integrada às práticas de entretenimento e socialização nos distritos do município de Ouro Preto, buscando compreender os usos atribuídos ao meio no cotidiano familiar em diferentes contextos descentralizados da sede, especialmente em localidades onde o acesso a outras formas de lazer é mais restrito.

Os resultados demonstram que a televisão permanece integrada às práticas cotidianas das famílias acompanhadas. Longe de ser um meio esquecido ou substituído pelas novas tecnologias, ela foi ressignificada ao longo dos anos, adaptando-se às transformações sociais, tecnológicas e familiares. Seus usos já não se restringem apenas à disponibilidade do aparelho nos lares, que hoje ultrapassa os 93% segundo o IBGE, mas estão relacionados à necessidade de compartilhar momentos em família, conhecer outros lugares por meio da programação e preservar hábitos construídos ao longo das gerações.

Mais do que um equipamento eletrônico destinado ao entretenimento, a televisão continua desempenhando um papel importante na organização do ambiente doméstico. Sua presença influencia a disposição dos espaços da casa; em torno dela organizam-se móveis, encontros familiares e parte significativa da rotina cotidiana. As observações de campo revelaram que refeições, momentos de descanso e até mesmo os primeiros momentos do dia são frequentemente acompanhados pela programação televisiva. Embora as plataformas digitais tenham flexibilizado o consumo audiovisual e possibilitado assistir aos conteúdos em qualquer momento, ainda existe um público que preserva o hábito de acompanhar a programação ao vivo, organizando seu cotidiano em função do horário do telejornal, da novela ou da transmissão de uma partida de futebol.

A pesquisa também evidenciou que o consumo televisivo não pode ser compreendido de forma separada do território. A programação adquire sentidos distintos conforme a realidade social, cultural e histórica de cada comunidade. Aquilo que desperta identificação e interesse em Santa Rita de Ouro Preto nem sempre produz os mesmos efeitos em Santo Antônio do Salto ou Cachoeira do Campo, ainda que consumido pela mesma pessoa. Assim, não existe uma única forma de consumir televisão nos distritos investigados. As práticas observadas são atravessadas pelas especificidades locais, pelas experiências compartilhadas entre os moradores e pela própria trajetória da comunicação em cada território.

Nesse sentido, um dos principais achados deste estudo foi compreender que a história da comunicação nos distritos investigados não acompanhou, necessariamente, a trajetória

convencional apresentada pela literatura sobre os meios de comunicação no Brasil. Em Santo Antônio do Salto, os relatos orais demonstraram que a circulação das informações esteve, durante décadas, apoiada nas relações comunitárias, tendo a usina hidrelétrica como principal ponto de comunicação do distrito. A chegada tardia da televisão, seguida posteriormente pela popularização do rádio, revela que a incorporação das tecnologias foi condicionada pelas características do território, pela infraestrutura disponível e pelas formas de sociabilidade construídas pela comunidade. Assim, compreender os usos contemporâneos da televisão também exigiu compreender a história da comunicação local e os processos que moldaram essa relação ao longo do tempo.

Outro aspecto relevante refere-se à presença dos dispositivos móveis no cotidiano das famílias. Inicialmente, partia da hipótese de que a popularização dos smartphones teria reduzido significativamente o consumo televisivo. Entretanto, os resultados da pesquisa apontaram um cenário distinto. Os dispositivos móveis coexistem com a televisão e cumprem funções diferentes na rotina familiar. Enquanto o celular atende às demandas de comunicação imediata, interação social e acesso rápido à informação, a televisão permanece associada aos momentos de convivência, ao entretenimento compartilhado e ao consumo coletivo. Em vez de substituí-la, os dispositivos móveis passaram a complementar seus usos, estabelecendo uma relação de coexistência entre diferentes telas.

Dessa forma, conclui-se que compreender a televisão nos distritos de Ouro Preto significa compreender também o território, as memórias, as relações familiares e as formas de sociabilidade que constituem o cotidiano dessas comunidades. Sua permanência demonstra que sua relevância não está apenas na tecnologia que oferece, mas, sobretudo, nos significados construídos em torno dela ao longo do tempo. Além de um meio de comunicação, ela continua sendo um espaço de encontro, de compartilhamento de experiências, de construção de repertórios e de fortalecimento dos vínculos familiares, mesmo em um contexto marcado pela expansão das mídias digitais.

Por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, este estudo apresenta limitações em sua abordagem metodológica. Os resultados não permitem generalizações acerca dos usos da televisão em todo o município de Ouro Preto, uma vez que a investigação se concentrou em dois distritos e em um número específico de famílias. Além disso, a escassez de registros documentais sobre a história da comunicação em Santo Antônio do Salto tornou necessário recorrer aos relatos orais dos moradores para reconstruir parte dessa trajetória histórica. Longe de representar uma fragilidade, esse processo mostrou a importância da memória

coletiva como fonte para compreender a história da comunicação em localidades pouco documentadas.

Como possíveis desdobramentos, futuras pesquisas podem ampliar o campo de investigação para outros distritos do município, contribuindo para o conhecimento sobre a comunicação em territórios ainda pouco explorados pela literatura e para o registro de suas histórias. Também seria relevante aprofundar os estudos sobre a relação dessas comunidades com os meios de comunicação, investigando como os moradores se apropriam das tecnologias disponíveis e de que maneira essas tecnologias são incorporadas às dinâmicas locais. Além disso, transformações recentes, como a implantação da TV 3.0, a expansão das plataformas de streaming e a crescente convergência entre televisão e internet, abrem novas possibilidades de investigação sobre os modos de consumo midiático nos distritos de Ouro Preto.

Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber que, embora a televisão seja o objeto central deste estudo, ela não desempenha sozinha o papel de entretenimento e informação nessas comunidades. Sua presença está articulada a outros meios, às relações familiares e às experiências construídas ao longo das gerações. Os resultados demonstraram que a expansão das tecnologias digitais não excluiu a televisão do cotidiano dos moradores; ao contrário, ela passou a coexistir com novos dispositivos e a assumir funções complementares. Mais do que garantir acesso à informação e ao entretenimento, ela aproxima gerações, amplia repertórios culturais, conecta os moradores a realidades que extrapolam os limites do território vivido e continua organizando momentos importantes da vida cotidiana.

Esta pesquisa revela, portanto, que o surgimento de novas tecnologias não implicou o desaparecimento da televisão, mas a transformação de seus usos e significados. Nos distritos de Ouro Preto, sua permanência está diretamente relacionada às formas como cada comunidade construiu sua própria relação com esse meio ao longo do tempo. Assim, compreender os usos da televisão significa compreender também as maneiras pelas quais essas comunidades produzem sentidos para o cotidiano, preservam memórias, fortalecem vínculos familiares e estabelecem conexões com o mundo para além de seus territórios.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Karen Cristina Kraemer; SILVA, Rodolfo Sgorla da. História e tecnologias da televisão. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2012. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf>.
- ALMADA, Raquel. No ar, a televisão brasileira. Contraponto. Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo, [S. l.], n. 68, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/contraponto/article/view/6466>.
- ARAÚJO, Francisco. No tempo em que assistíamos televisão no meio da praça. Observatório da Imprensa. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/cidadania/no-tempo-em-que-assistiamos-televisao-no-meio-da-praca/>.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). TV Tupi. Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN). Disponível em: <https://sian.an.gov.br/>.
- BARBOSA, Jorge Luiz. Cultura e Território. 1. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015. v. 1.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 311, de 2 de março de 1938. Dispõe sobre a divisão territorial do País e dá outras providências. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 7 mar. 1938.
- BRESSAN JUNIOR, Mario Abel. Televisão e espaço de revisitação: a formação de uma memória teleafetiva. Intexto, Porto Alegre, p. 204–226, 2019. DOI: 10.19132/1807-858320190.204-226. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/82983>.
- BUCCI, Eugênio. Televisão brasileira e ditadura militar: tudo a ver com o que está aí até hoje. RuMoRes, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 172–193, 2016. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2016.117685. Disponível em: <https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/117685>.
- CELESTINO, Antonio; PERNISA JÚNIOR, Carlos. Sincronismo e Interatividade com a Segunda Tela frente à Implementação da TV 3.0 no Brasil. In: WORKSHOP FUTURO DA TV DIGITAL INTERATIVA - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SISTEMAS MULTIMÍDIA E WEB (WEBMEDIA), 30., 2024, Juiz de Fora/MG. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2024. p. 309-314. ISSN 2596-1683. DOI: https://doi.org/10.5753/webmedia_estendido.2024.243863.
- CIGOLINI, Adilar Antonio. A criação de municípios: uma ação transescalar resultado da relação sociedade e espaço. Sociedade e Território, Natal, v. 29, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/11762>.
- COELHO, Valmir Rogério. Distrito de Santo Antônio do Salto, Ouro Preto - MG: um breve estudo sobre o inventário do patrimônio cultural, material e imaterial local e a relação com a comunidade e o poder público representado pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto. 108 f. (Graduação em Museologia) – Escola de Direito, Turismo e Museologia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.

DANTAS, José Giubson Delgado. Teoria das mediações culturais: uma proposta de Jesús Martín-Barbero para o estudo de recepção. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 10., 2008, São Luís, MA. Anais [...]. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008. Disponível em:

<https://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0015-1.pdf>.

DIAS, Michelle. Novas perspectivas dos estudos de recepção: mediações comunicativas da cultura e transmidialidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém, PA. Anais [...]. Belém: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1892-1.pdf>.

FERREIRA, Laira et al. Turismo em Ouro Preto reforça racismo desde o ciclo do ouro. Lamparina UFOP, 5 out. 2024. Disponível em:

<https://lamparinaufop.wordpress.com/2024/10/05/turismo-em-ouro-preto-reforca-racismo-desde-o-ciclo-do-ouro/>.

FRANÇA, Vera Veiga. A televisão porosa: traços e tendências. In: FREIRE FILHO, João (org.). TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 27-52.

FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. Curso básico de teorias da comunicação. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREIRE FILHO, João (org.). A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo. Porto Alegre: Sulina, 2009.

GONÇALVES, Bruna. "Salve Maria": as distintas manifestações do Congado na cidade de Ouro Preto (MG). 2021.

HAMBURGER, Esther. O Brasil antenado: a sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/22827-censo-demografico-2022.html>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Quadro geográfico de referência para produção, análise e disseminação de estatísticas. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. ISBN 978-85-240-4540-0. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/a32c92ac895a068c195b96b01d24.pdf.

KUANG, Y. Globalização da mídia: impactos e implicações em um mundo conectado. Global Media Journal, 2024.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7., 2009, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: Alcar, 2009.

LEMOS, Affonso Henriques de Figueiredo. Monographia da freguezia da Cachoeira do Campo. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, v. 13, fasc. 1, p. 77–111, 1908.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Prefácio de Néstor García Canclini. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MEDEIROS, Rafaela Ferreira. O rádio e a cidade patrimônio: experiências de escuta, localismo e migração nos discursos de ouvintes ouro-pretanos. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/1009098?mode=full>.

MELQUÍADES, Jonathan Alves. Estudo de caso de comissionamento: painel regulador integrado de tensão, velocidade e automação da RELVAX instalado na Pequena Central Hidrelétrica de Caboclo. 2017. Monografia (Graduação em Engenharia de Controle e Automação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.

MINAS GERAIS. Lei nº 1.039, de 12 de dezembro de 1953. Estabelece a divisão administrativa e judiciária do Estado. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa de Minas Gerais, 1953. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/LEI/1039/1953/>. Acesso em: 3 jul. 2026.

MOTA, Alice Agnes Spíndola. A influência da televisão no desenvolvimento regional da zona rural no município de Palmas (TO). Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 13, n. 1, p. 41–57, jan./abr. 2011. DOI: 10.4013/fem.2011.131.05. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/view/257>.

OURO PRETO (MG). Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Dados geográficos. Disponível em: <https://www.ouropreto.mg.gov.br/turismo/dados-geograficos>. Acesso em: 10 set. 2025.

OURO PRETO (MG). Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Distritos. Disponível em: <https://www.ouropreto.mg.gov.br/lista-distritos>. Acesso em: 20 jul. 2025.

PINTO, G. J. Do sonho à realidade: Córrego Fundo – MG, fragmentação territorial e criação de municípios de pequeno porte. 248f. Dissertação (Mestrado em Geografia). IG-UFU, Uberlândia, 2003

PORTAL OURO PRETO. Dados gerais. Disponível em: <https://www.ouropreto.com.br/>.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. Secretaria de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano. Dossiê de tombamento: Capela de Nossa Senhora dos Remédios e seu acervo: Fundão do Cintra, Santo Antônio do Salto. Ouro Preto: Prefeitura Municipal de Ouro Preto, nov. 2010.

RAMALHO, Mary Selma de Oliveira; FERRO, Jenaice Israel. Território e cultura: a luta pela identidade e a realidade da Aldeia Wassu Cocal. Revista Foco, v. 18, n. 7, 2025.

REIS, Bruna Gonçalves de Pádua. *"Salve Maria!": as distintas manifestações do Congado na cidade de Ouro Preto (MG)*. 2021. 161 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

RIBEIRO, Luiza Carla; TUZZO, Simone Antoniaci. Jesus Martín Barbero e seus estudos de mediação na telenovela. *Comunicação & Informação*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 39-49, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/29187>.

RODRIGUES, Júlia. Desconectados: 36 milhões de pessoas sem internet refletem a desigualdade no Brasil. *Brasil de Fato*, 1 set. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/09/01/desconectados-36-milhoes-de-pessoas-sem-internet-refletem-a-desigualdade-no-brasil/>.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Lourdes Ana Pereira. *Melodrama como matriz cultural no processo de constituição de identidades familiares: um estudo de (tele)novela e bumba-meu-boi – usos, consumo e recepção*. 2012. 242 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *Exclusão digital: a miséria na era da informação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SIMÕES, P. G.; FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, A. K.; LIMA, L. A.; SEPULVEDA, L. A.; BARROSO, L.; AFONSO, M. L.; LOPES, S. C.; LOBATO, M.; BASÍLIO, P.; BONTEMPO, C.; PEREIRA, S. Estudos de televisão no Brasil: uma abordagem de autores/as e teorias. *Contemporanea*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 190–213, 2019. DOI: 10.9771/contemporanea.v17i2.28179. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/28179>.

TELEVISÃO NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS DO LAZER: um levantamento dos artigos publicados nas revistas *Licere* e *RBEL*. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 356–377, 2019. DOI: 10.35699/1981-3171.2019.15315. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/15315>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Portal institucional. Disponível em: <https://www.ufop.br>.

VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata. Algumas reflexões metodológicas sobre a recepção televisiva transmídia. *Revista GEMInIS*, [S. l.], p. 13–16, 2014. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/177>.

VELOSO, Antônia. *Cachoeira do Campo recebe 34ª Festa da Jabuticaba de 7 a 9 de novembro*. Itatiaia, Ouro Preto, 16 out. 2025. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/ouropreto/cachoeira-do-campo-recebe-34-festa-da-jabuticaba-de-7-a-9-de-novembro/>.

APÊNDICE A - Questionário sobre o uso da televisão aplicado durante entrevistas

16/07/2026, 19:18

Dados sobre consumo de televisão nos distritos de Ouro Preto

Dados sobre consumo de televisão nos distritos de Ouro Preto

Este formulário tem como objetivo compreender melhor os hábitos de consumo de televisão das famílias participantes da pesquisa. As informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para fins de análise, contribuindo para uma visão mais precisa sobre comportamentos, preferências e rotinas relacionadas ao consumo televisivo. Sua participação é fundamental.

— * Indica uma pergunta obrigatória.

1. Você reside atualmente em qual distrito? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Cachoeira do Campo
- ☐ Santo Antonio do Salto
- ☐ Antônio Pereira

2. Quantas pessoas residem na sua casa atualmente? *

3. Qual o melhor horário para conversar com a família? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Manhã
- ☐ Tarde
- ☐ Noite

https://docs.google.com/forms/d/10cZu1JBdy44C_XgARDD07XwdsVRYx7p-JvnM8FMytUwcdt

1/5

16/07/2026, 19:18

Dados sobre consumo de televisão nos distritos de Ouro Preto

4. Em quais dias da semana a família costuma estar reunida em casa? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Segunda a sexta
- ☐ Finais de semana
- ☐ Todos os dias
- ☐ Dias variados

5. A residência possui televisão? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ sim
- ☐ não

6. Quantas televisões há na casa? *

7. Em quais horários a televisão é mais assistida? *

8. A família costuma assistir TV? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sozinha (cada um separado)
- ☐ Juntos na maior parte do tempo
- ☐ Depende do dia

https://docs.google.com/forms/d/10cZu1JBdy44C_XgARDD07XwdsVRYx7p-JvnM8FMytUwcdt

2/5

16/07/2026, 19:18

Dados sobre consumo de televisão nos distritos de Ouro Preto

9.

Quais tipos de programas vocês mais assistem? (pode marcar mais de um) *

Marque todas que se aplicam.

☐ Novelas

☐ Jornal

☐ Filmes

☐ Séries

☐ Programas de auditório

☐ Esportes

☐ Religiosos

☐ Outros

10.

Quando querem assistir algo, a família prefere *

Marcar apenas uma oval.

☐ Televisão

☐ Computador/Notebook

☐ Celular

11.

Você acredita que a televisão influenciou a forma como você vê as coisas?

Marcar apenas uma oval.

☐ sim

☐ Não

☐ Parcialmente

16/07/2026, 19:18

Dados sobre consumo de televisão nos distritos de Ouro Preto

12.

Existe algum momento da sua vida que você associa à televisão e que desperta sentimentos de nostalgia ou saudade? Se sim, qual?

Este conteúdo não foi citado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE B - Termo de consentimento dos integrantes da pesquisa

Eu, Marcos José de Souza, contato 31 9 71589/395, declaro que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa "Os usos da televisão nos distritos de Ouro Preto (MG)" de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Nome do Pesquisador Responsável: Laira de Cassia Souza Ferreira
Endereço: Rua Miguel Burnier, 231, Vila Aparecida, Ouro Preto.
Telefone: (31) 9 8915-4910
Email: lairaprofissional01@gmail.com

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/ UFOP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
 Universidade Federal de Ouro Preto
 Endereço: Centro de Convergência, Campos Universitário, UFOP.
 Telefone: (31) 3559-1368.
 Email: cep.propp@ufop.edu.br

Ouro Preto - MG, 29 de Agosto de 2026

Marcos José de Souza
 Assinatura do Participante

Eu, Margarete Aparecida, contato (31) 9 9775-6209, declaro que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa "Os usos da televisão nos distritos de Ouro Preto (MG)" de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Nome do Pesquisador Responsável: Laira de Cassia Souza Ferreira
Endereço: Rua Miguel Burnier, 231, Vila Aparecida, Ouro Preto.
Telefone: (31) 9 8915-4910
Email: lairaprofissional01@gmail.com

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/ UFOP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
 Universidade Federal de Ouro Preto
 Endereço: Centro de Convergência, Campos Universitário, UFOP.
 Telefone: (31) 3559-1368.
 Email: cep.propp@ufop.edu.br

Ouro Preto - MG, 24 de agosto de 2026

Margarete Aparecida Ferreira
 Assinatura do Participante